



MARCOS E MONUMENTOS

HISTÓRICOS DE CAMPO GRANDE

3ª Edição – revisada e ampliada

Realização

SECTUR
Secretaria Municipal
de Cultura e Turismo



CAMPO GRANDE
— PREFEITURA —

Apoio



**FUNDAÇÃO
DE CULTURA**
DE MATO GROSSO DO SUL



União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul



Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso do Sul



*Utilize o leitor de QR
Code do seu celular
para ter acesso a
versão digital desta
publicação.*

S446m Secretaria de Cultura e Turismo de Campo Grande

Marcos e monumentos históricos de Campo Grande / Organização: Joelma Fernandes Arguelho. - 3 ed.; revisada e ampliada. - Campo Grande [MS]: Prefeitura Municipal, 2022.

154 p. : il. ; 21 x 21 cm.

ISBN: 978-65-00-53817-5

1. Patrimônio cultural. 2. Monumentos históricos.
3. Marcos históricos. 4. Campo Grande.

CDD 720.981

Índices para catálogo bibliográfico



MARCOS E MONUMENTOS
HISTÓRICOS DE CAMPO GRANDE

3ª Edição – revisada e ampliada

Prefeita Municipal

Adriane Barbosa Nogueira Lopes

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Max Antônio Freitas da Cruz

Secretária-adjunta Municipal de Cultura e Turismo

Clarice Benites

Gerente de Patrimônio Cultural

Joelma Fernandes Arguelho

Chefe da Divisão de Patrimônio Cultural e Natural

Fernando Cesar Pires Batiston

Chefe da Divisão de Literatura

Francisco Leandro Oliveira Queiroz

Organizadora

Joelma Fernandes Arguelho

Pesquisa e redação

Ângela Antonieta A. Laurino

Deh Leão (André Augusto Virgílio de Almeida)

Carmen Conceição Brites de Eugenio Crivelente

Celso Higa

Douglas Alves da Silva

Edson Contar

Eliel Davi de Almeida Lima Anicesio

Eva Lucélia Loureiro de Carvalho

Evelyn Bendô Lechuga

Fernando César Pires Batiston

Keila Dayane Assunção Matos

Maria Christina Lima Félix dos Santos

Maria Madalena Dib Mereb Greco

Regina Maura Lopes Couto Cortez

Rita de Cássia Galícia

Sarita Souza dos Santos

Valdelir Alves da Silva

Wellington Corlet dos Santos



Entrevistas

Deh Leão (André Augusto Virgílio de Almeida)

Douglas Alves da Silva

Eliel Davi de Almeida Lima Anicesio

José Paulo Furlan

Keila Dayane Assunção Matos

Rita de Cássia Galícia

Levantamento de campo

Claudia Regina Apolinário Silva

Josiane Depoli Nunes Nascimento

Mirthes Williams Generoso Sffair

Apoio

Ana Beatriz Penha Dos Reis

Ana Cláudia Lemos de Jesus

Fotografia

Acervo Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA

Acervo Sectur

Alexandre Sogabe

Elvio Garabini

Gabriel Marchese (@porcimadecg)

Jan Michel Barbosa de Oliveira

João Salmaze

Raoni Ramires Figueiredo

Projeto gráfico e diagramação

Fernando Pissuto Trevisan

Revisão

Francisco Leandro Oliveira Queiroz

Apoio

Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul



Não há sociedade sem história, sem cultura ou sem memória. Todo povo possui um patrimônio cultural, que é, antes de tudo, uma forma de expressão, podendo manifestar-se por meio de bens de natureza material ou imaterial. A preservação, a proteção e a salvaguarda dessas manifestações constituem políticas culturais da mais alta importância, que muito significam para uma determinada comunidade, servindo de referenciais para as gerações futuras. Nesse sentido, histórias e culturas de diferentes sociedades podem estar presentes nas muitas criações artísticas, como nos marcos e monumentos históricos reunidos neste livro.

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 216, entende como patrimônio cultural do Brasil “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). Esses bens incluem, entre outras expressões, “as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais” (BRASIL, 1988). Ainda em viés constitucional, ressalta-se que cabe ao poder público, com a colaboração da comunidade, promover e proteger “o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (BRASIL, 1988).

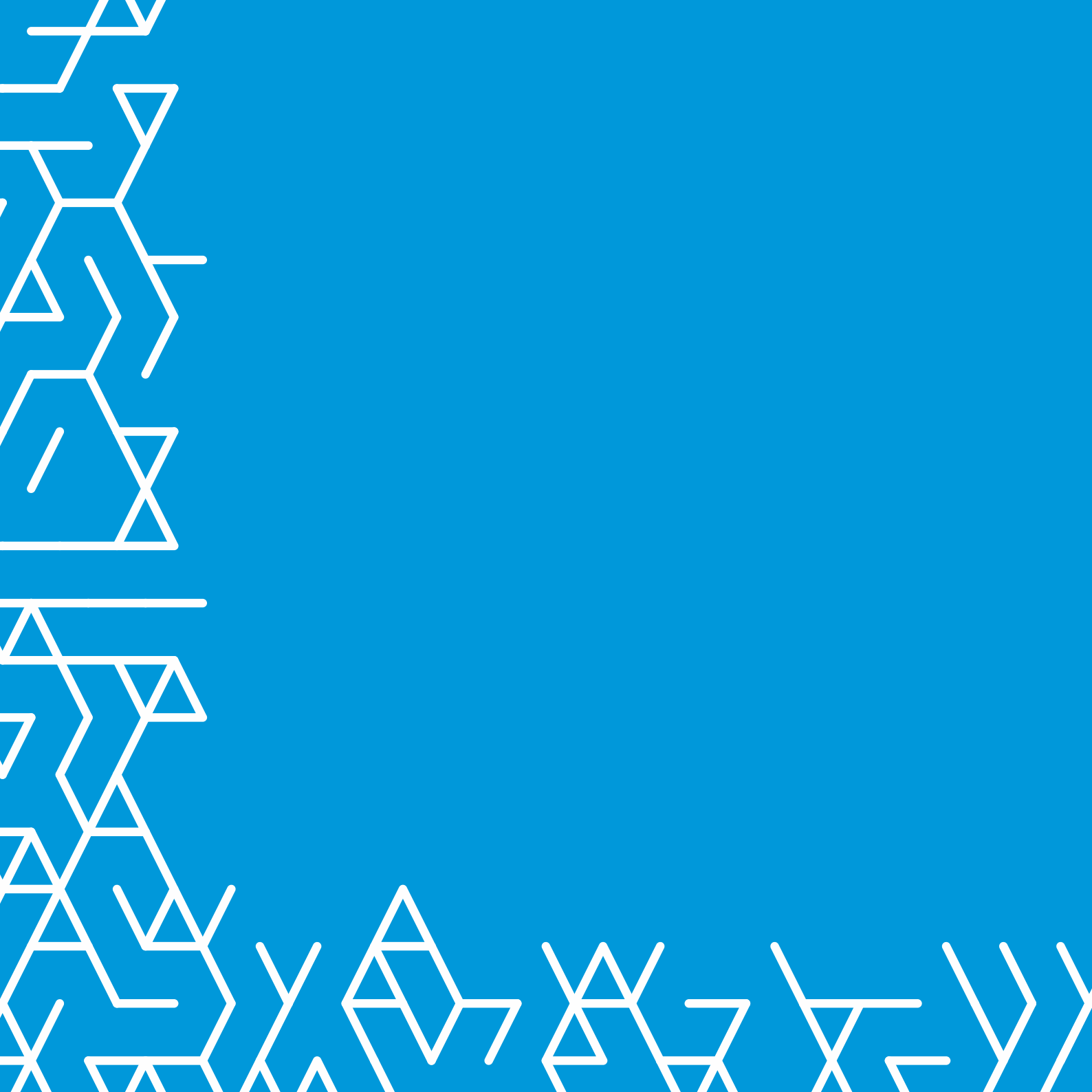
Assim sendo, preservar marcos e monumentos que carregam referências à identidade e à memória das/dos campo-grandenses é manter a história viva e em constante movimento, fazendo do presente um indispensável interlocutor do passado e um importante locutor do futuro. Marcos e Monumentos Históricos de Campo Grande é fundamentalmente uma obra de promoção do patrimônio cultural local, com forte apelo à educação patrimonial.



Marcos e Monumentos Históricos de Campo Grande é um livro que há bastante tempo é esperado, tanto pelos profissionais que atuam na área do patrimônio cultural quanto pela comunidade campo-grandense em geral, que se interesse pelo tema. A partir de esforços desta Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com apoio da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, o livro reúne importantes monumentos históricos da capital sul-mato-grossense, recuperando detalhes do contexto de produção e da vida dos artistas, tão necessários para uma compreensão holística das obras.

Esta 3ª Edição – revista e ampliada – insere obras e artistas que não estavam nas edições anteriores, expandindo o rol de monumentos que compõem o patrimônio cultural material de Campo Grande, sistematizados em uma publicação. Os monumentos estão dispostos em ordem cronológica, com a intenção de facilitar a consulta por parte do leitor. As pesquisas realizadas para a revisão e ampliação, tanto bibliográficas quanto por meio de entrevistas com os artistas (quando possível), permitem maior detalhamento técnico, captando, inclusive, aspectos mais subjetivos, como a motivação da criação da obra.

Portanto, a história e a cultura de Campo Grande são revisitadas por meio de seus bens culturais de natureza material, como o *Monumento Póstumo do José Antônio Pereira*, produzido em concreto, na década de 1950, situado no Cemitério Santo Antônio, na Avenida Consolação. O bem pode despertar o pesquisador, ou o visitante comum, para conhecer outros pontos culturais da cidade que a ele estejam relacionados, como o próprio Museu José Antônio Pereira, na Avenida Guaicurus, construção de pau a pique onde residiu o filho do fundador da cidade. Com a publicação de *Marcos e Monumentos Históricos de Campo Grande*, esperamos valorizar, promover e proteger o nosso patrimônio cultural.



PREFÁCIO

O sentido original da denominação monumento histórico é do latim, *monumentum*, derivado de *monere*, que significa advertir, lembrar. Foi criado pela mão humana, com intenção de conservar, para futuras gerações, a manutenção da história de um povo, sociedade ou grupo.

Mundo afora, temos registros de monumentos que nos permitem entender aquela sociedade, das mais antigas às contemporâneas, tipificando seus hábitos, saberes, tecnologias empregadas e, principalmente, seus valores culturais.

Quando nos propusemos a redigir, juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Sectur), o Arquivo Histórico de Campo Grande (Arca) e a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), a terceira edição do livro sobre os monumentos de Campo Grande, já sabíamos de antemão quão grande seria a tarefa de identificar todos os aspectos históricos e culturais que revelam as nossas tradições e a identidade do povo campo-grandense, pela pluralidade de sua formação - indígenas, sul-americanos, orientais, árabes e europeus.

Vindos de todas as partes do nosso país (de proporções continentais), construíram essa que é a cidade de muitos sotaques, que comem mandioca com shoyu, tomam chimarrão no calor de 40 graus e tereré no inverno. Cidade que homenageia seus habitantes através de estruturas físicas – os monumentos. Alguns são prontamente identificados pelos habitantes e condizem com suas expressões cotidianas, memórias e saberes.

Uma das preocupações do grupo que idealizou essa nova edição foi a valorização dos autores das obras que representam a nossa história. Preocupações que giram em torno de como esses monumentos foram idealizados e qual o entendimento que tiveram ao expressarem fisicamente o sentimento de um povo. Essas respostas foram surgindo nas entrevistas, nas entrelinhas, em que cada artista/artesão expressou nas mais diversas maneiras de representação material seu talento e sensibilidade.

Apresentamos esse trabalho, cientes da nossa responsabilidade de informar ao leitor os aspectos dos monumentos históricos da cidade de Campo Grande, valorizando seus autores. Assim, esperamos que cada um se aproprie deles, identifique-se e tenha o sentimento de pertença aflorado. Afinal, somos todos guardiões da história!

Maria Madalena Dib Mereb Greco

Presidenta do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS	14
CORETO DA PRAÇA CUIABÁ	15
OBELISCO	16
MONUMENTO PÓSTUMO DO JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA	19
ARY COELHO DE OLIVEIRA	20
FONTE LUMINOSA	22
VESPASIANO BARBOSA MARTINS	24
MONUMENTO SÍMBOLO DA UFMS	25
JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA	28
A FAMÍLIA	29
VESPASIANO BARBOSA MARTINS	31
MONUMENTO COMEMORATIVO AOS 70 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	32
FAMÍLIA DE JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA	34
TIRADENTES	36
NORTH AMERICAN T-6	37
ESPAÇO MONUMENTO INFINITO	39
VIBRAÇÃO CÓSMICA	40
SÃO JOÃO BOSCO	41
SANTO ANTÔNIO	43
A LUA	45
LOS AMANTES	47
PEDRO PEDRA	48
MONUMENTO AO ÍNDIO	50
LEI DE DEUS - OS DEZ MANDAMENTOS	53
BELMAR FIDALGO	54
LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA	55
HOMENAGEM À CONCEIÇÃO DOS BUGRES	56
ESPIRAL	58
PRETO VELHO	59
MONUMENTO AOS DESBRAVADORES	61

CABEÇA DE BOI	64
MONUMENTO DAS ARARAS	66
MONUMENTO AOS PRACINHAS	69
HARRY AMORIM COSTA	71
PANTANAL SUL	73
RÉPLICA DO RELÓGIO DA 14 DE JULHO RENATO BARBOSA DE REZENDE	75
THEMIS	79
TIA EVA	81
CARÁ	83
CAVALEIRO GUAICURU	84
IRIS EBNER	86
O APRENDIZ	87
MEMORIAL FRANCISCO ANSELMO DE BARROS	89
PRAÇA PANTANEIRA	91
ESTÁTUA DO PAPA	93
O BEIJO	95
SÃO FRANCISCO DE ASSIS	96
TORII	98
MONUMENTO AO SOBÁ	99
ÍNDIA TERENA	101
NINHAL	103
RELÓGIO DAS FLORES	104
MARÇAL DE SOUZA E MARTA GUARANI	105
A ARTESÃ	107
GUAMPA DE TERERÉ	109
MANOEL DE BARROS	110
MEMORIAL IMIGRANTE JOÃO FIGUEIREDO	112
MEMORIAL FERROVIÁRIO	114
MEMORIAL RELÓGIO DA 14	116
CULTURA PARAGUAIA	119

ARY COELHO DE OLIVEIRA	120
DR. FERNANDO CORREA DA COSTA	122
HARRY AMORIM COSTA	123
MONUMENTO DA FEB	124
MARCO TOTENS ALUSIVOS AO ROTARY CLUBE E LIONS CLUBE	125
MARCO TOTEM DE INAUGURAÇÃO DE OBRAS GOVERNAMENTAIS	127
BIOGRAFIAS	128
Rodolfo Bernadelli (José Maria Oscar Rodolpho Bernardelli y Thierry)	129
Newton Cavalcanti (Newton de Andrade Cavalcanti)	130
Luiz Ferrer (Luiz Ferrer de Moraes)	131
Caetano Fraccaroli	132
Índio (José Carlos Silva)	133
Shoji Oikawa	134
Yutaka Toyota	135
Roberto Montezuma (Roberto Montezuma Carneiro da Cunha)	137
Sandro Luiz Ferreira da Silva	138
Neide Ono (Neide Satsiko Ono)	139
Humberto Espíndola (Humberto Augusto Miranda Espíndola)	140
Cleir (Cleir Avila Ferreira Junior)	141
Flávio Araújo Braga	142
Maria de Oliveira (Maria de Oliveira Naves)	143
Pedro Guilherme (Pedro Guilherme Garcia Góes)	144
Anor Mendes (Anor Pereira Mendes Filho)	145
Levi (Levi Batista do Nascimento)	146
Eloisa Vicari Scheid	147
Indiana Marques	148
Paulo Rubens Parlagreco	149
Ique (Victor Henrique Woischach)	150
Rodrigo Gameiro	151
Caju (Cesar da Silva Fernandes)	152



MONUMENTOS

Busto

JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS

Autor: Rodolfo Bernadelli (José Maria Oscar Rodolpho Bernardelli y Thierry)

Ano: 1928

Material: bronze sobre base de concreto



Engenheiro e escritor com mais de sessenta livros publicados, João Pandiá Calógeras teve importante carreira política, sendo eleito diversas vezes para a Câmara Federal. Como ministro da guerra no Governo de Epitácio Pessoa, criou o Código de Organização Judiciária e do Processo Militar, intensificando a construção de quartéis e incrementando a indústria militar nacional. Foi decisiva sua atuação para instalar as unidades da 9ª Região Militar e do Comando Militar do Oeste, em Campo Grande. Como engenheiro, também projetou o casarão em estilo eclético, hoje conhecido como Morada dos Baís.

Em sua homenagem, foi inaugurado na Praça Ary Coelho, em setembro de 1928, um busto em bronze, obra de Rodolfo Bernadelli, o que faz desse monumento o mais antigo ainda presente nos dias atuais. No arruamento de Campo Grande, a antiga Rua Santo Antônio passou a ser identificada por Avenida Calógeras, tornando-se uma importante via de escoamento da cidade, ligando o Sítio Histórico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) à Avenida Costa e Silva, que dá acesso à saída para São Paulo.



Praça Ary Coelho

Avenida Afonso Pena com Rua 14 de Julho

Monumento

CORETO DA PRAÇA CUIABÁ

Ano: 1930

Material: estrutura em concreto armado, alvenaria e guarda corpo em elementos vazados



Praça Cuiabá

Rua Dom Aquino com Avenida Duque de Caxias



Inaugurado por volta de 1930, o Coreto da Praça Cuiabá, concebido em estilo *art déco*, mantém sua estrutura original, sendo o único marco remanescente do traçado topográfico elaborado na década de 1920, quando o local era ponto de interseção de várias ruas para acesso à região dos quartéis e vila militar.

Na época de sua implantação, o local era confluência das ruas Dom Aquino, Marechal Cândido Mariano Rondon, Duque de Caxias e Sargento Cecílio Yule. Em 1960, foi construída a praça que

passou a ser conhecida pela denominação Cabeça de Boi, colocada na época por um açougueiro na porta do seu estabelecimento comercial. Atualmente, a alusão ao antigo marco do local é evidenciada pela moderna escultura Cabeça de Boi.

Em 1996, o logradouro passou por um processo de reurbanização e o Coreto ficou ali como referência das atividades culturais da época, principalmente das apresentações musicais em praça pública.

Monumento

OBELISCO

Autor: Newton Cavalcanti
(Newton de Andrade Cavalcanti)

Ano: 1933

Material: alvenaria de tijolos maciços argamassados, rebocados e pintura na cor branca



O Obelisco de Campo Grande foi construído em memória aos fundadores da cidade. Sabe-se que foi inaugurado em 26 de agosto de 1933, data de aniversário da cidade, na gestão do então prefeito Itrio Correa da Costa. O Monumento foi idealizado pelo general Newton Cavalcanti, então comandante da Circunscrição Militar, tendo escadas de acesso, que foram suprimidas na década de 1980 e no início dos anos 2000. O Monumento recebe transformações em seu entorno para fins de engenharia de trânsito.

O Monumento teria sido construído para marcar as comemorações do aniversário da cidade e para a preparação da 1ª Feira de Amostras, em que seriam comercializados produtos agropecuários e industriais. A Feira marca bem a posição da cidade como um importante polo da economia agropastoril na época. Sua implantação no cruzamento da Avenida Afonso Pena e da Rua José Antônio teria o intuito de marcar os limites da área urbana da cidade naquela época, anos de 1930, pois após esse marco não havia outro tipo de urbanidade, iniciando já a área rural. Outro ponto importante está localizado na Rua José Antônio, em homenagem ao fundador, desde o traçado primitivo da cidade.

Arquitetonicamente, o Monumento se apresenta como agulha piramidal de aproximadamente 7 metros sobre base trapezoidal, totalizando aproximadamente 9 metros de altura. Possui em sua fachada principal a efígie de um de seus fundadores, José Antônio Pereira, e logo acima está a frase "Aos seus bravos fundadores, homenagem de Campo Grande".

Com vistas a preservar a materialidade e suas características arquitetônicas, o Obelisco foi considerado patrimônio histórico da cidade de Campo Grande por meio do projeto de lei nº 1.997, de 9 de setembro de 1975. Em 26 de setembro de 1975, a Câmara Municipal promulgou o projeto supracitado, transformando-se na Lei Legislativa nº 100, em que o Executivo municipal se encarrega de manter o Monumento em conservação, bem como não demolir, nem danificar, sendo o primeiro bem cultural campo-grandense a receber a proteção legal para sua preservação. Sua imagem foi escolhida como símbolo do centenário de emancipação política e administrativa de Campo Grande, em 1999.



Vista do Obelisco em 1991, anterior à reforma que suprimiu os degraus em sua base.
Acervo: ARCA

Em 2021, a Justiça, por meio de ação civil pública, homologou acordo financeiro para compensar dano ao patrimônio cultural de Campo Grande, em decorrência da demolição do imóvel localizado na Rua Barão do Rio Branco, nº 1.406, inserido na Zona Especial de Interesse Cultural (Zeic), nos termos da Lei Complementar nº 161/2010. A celebração do Termo de Acordo determinou que parte do recurso fosse destinada ao restauro do Obelisco, que foi concluído no ano de 2022.

**AOS SEUS BRAVOS FUNDADORES
HOMENAGEM DE
CAMPO GRANDE**



**OBELISCO MANDADO CONSTRUIR NA
ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO
ENG.º ITRIO CORREA DA COSTA
E IDEALISADO PELO
SR. C.º NEWTON CAVALCANTE
COM.º DA CIRC. MILITAR
26.8.1933**



Avenida Afonso Pena com Rua José Antônio



MONUMENTO PÓSTUMO DO JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA

Ano: década de 1950

Material: concreto

Para se entender melhor a história do jazigo da família Pereira e a existência dos restos mortais do fundador José Antônio Pereira naquele local, temos que voltar no tempo e começar pelo seu sepultamento no cemitério que ficava onde hoje é a Casa da Indústria e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), local onde foi sepultado em 11 de janeiro de 1900. Já em 1914, com a inauguração do novo cemitério nos altos da Avenida Calógeras, os restos mortais de José Antônio foram transferidos para aquele local, em cota comum, na entrada do novo cemitério. Já nos anos 1950, a família resolveu construir o jazigo principal, resultado de uma coleta feita entre seus descendentes. Ao longo do tempo, restos mortais de seus filhos foram para lá transladados e novos sepultamentos realizados.

Hoje, ali estão filhos, netos e familiares. A escolha do local logo na entrada do cemitério foi determinada pelo doador do terreno, Coronel Amando de Oliveira, como uma homenagem ao que aqui chegou primeiro, sendo o fundador da cidade. Por ironia do destino, Amando de Oliveira foi o primeiro a ser sepultado em cova próxima a dos restos do fundador, em 10 de junho de 1914.



Cemitério Santo Antônio

Avenida Consolação, s/n

Estátua

ARY COELHO DE OLIVEIRA

Autor: Luiz Ferrer (Luiz Ferrer de Moraes)

Ano: 1954

Material: bronze sobre base revestida em granito

Formado em medicina, Dr. Ary Coelho de Oliveira nasceu em Paranaíba (MS), em 10 de fevereiro de 1910. Eleito pelo Partido Social Democrático, Ary Coelho assumiu a Prefeitura de Campo Grande em 31 de janeiro de 1951, cargo que exercia quando foi assassinado em Cuiabá, em 21 de novembro de 1952, crime que causou grande comoção na cidade.

Praça Ary Coelho

Avenida Afonso Pena com Rua 14 de Julho

Dois anos depois, a Praça da Independência recebeu o nome de Praça Ary Coelho em homenagem ao prefeito. No mesmo ano, no dia do seu aniversário, seus amigos e correligionários inauguraram uma estátua em bronze, como homenagem do povo campo-grandense. No pedestal da estátua, consta a mensagem: “Por um regime de responsabilidade, honestidade e trabalho”.



Como curiosidade, o Monumento apresenta, em suas laterais, alegorias de uma ambulância e uma motoniveladora em paisagem urbana, presumindo-se que sejam referência aos objetivos da administração de Ary Coelho como prefeito da cidade.

O POVO AO BRASILEIRO
VIVEU COM O POVO
TRABALHO PARA O POVO
E MORREU PELO POVO
10-2-1916 21-11-1952

POR UM REGIME
DE
RESISTÊNCIA
HOMES E MULHERES
E
TRABALHO
10-2-1916



Matriz da escultura tirada no atelier de Luiz Ferrer.
Acervo: Pedro Ferrer



Monumento

FONTE LUMINOSA

Autor: Fábrica de Fonte Luminosa Independência

Ano: 1957

Material: concreto armado revestido de pastilhas vítreas.

O Plano de Alinhamento de Ruas e Praças, de 1909, transformou o primeiro cemitério da cidade em um belo passeio público, que recebeu inicialmente o nome de Praça Dois de Novembro. Em 1922, já como Praça da Independência, ganhou a construção de um coreto e uma pérgula. Em 1925, ali foi construída uma bela edificação, denominada como Pavilhão do Chá, que, na década de 1950, transformou-se na sede da Biblioteca Municipal. Em 1954, recebeu o nome de Praça Ary Coelho, em homenagem ao prefeito de Campo Grande morto em 1952.



Praça Ary Coelho

Avenida Afonso Pena com Rua 14 de Julho



A Fonte Luminosa, localizada no centro da Praça Ary Coelho, ocupa o espaço físico de um coreto, construído em 1922 e demolido em 1957 para dar lugar à nova atração de lazer do logradouro. A fonte foi instalada na gestão do prefeito Marcílio de Oliveira Lima, tendo sido construída pela Fábrica de Fonte Luminosa Independência, na cidade mineira de Pouso Alegre, sendo seu proprietário Álvaro Magalhaes Beraldo.

Ao longo dos anos, recebeu diversas intervenções, reativando o saudosismo de seus usuários. Mantendo suas características de ponto de encontro, a fonte tem iluminação com jatos coloridos de água que influem de sua estrutura e do seu entorno, aumentando a atração e a utilização no local como opção de lazer para os campo-grandenses.



Busto

VESPASIANO BARBOSA MARTINS

Ano: 1969

Material: bronze sobre base de concreto


Exercendo inúmeros cargos públicos, entre os quais o de prefeito de Campo Grande e senador da República, o médico Vespasiano Barbosa Martins teve importante atuação na história política do estado. Sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932 fomentou o sentimento divisionista no sul de Mato Grosso, tornando Campo Grande o centro de difusão do movimento.

Sua relação de amizade com as diversas etnias que compõem a coletividade campo-grandense motivou homenagem especial da colônia japonesa. Nas proximidades de sua antiga residência, demolida há alguns anos, foi instalado em homenagem póstuma seu busto em bronze, em 14 de janeiro de 1969.



Busto de Vespasiano Martins, instalado na frente da Igreja de Santo Antônio. Fotografia colorida digitalmente da Igreja, que foi demolida no final de década de 1970. Acervo: ARCA



 **Praça Santo Antônio**
Rua 15 de Novembro com Avenida Calógeras

MONUMENTO SÍMBOLO DA UFMS


Autor: Caetano Fraccaroli

Ano: 1970

Material: concreto armado

Projetado em 1970, o Monumento Símbolo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), popularmente conhecido como Paliteiro, está localizado na Avenida Costa e Silva, saída para São Paulo, mais precisamente em frente à Cidade Universitária. Como símbolo da UFMS, expressa, aos observadores, o sentido de movimento, dinamismo e perseverança na busca pelo conhecimento.

O Monumento foi concebido sob forma de uma complexa peça em concreto, composta de 24 pilares verticais, esguios e altaneiros, que nascem de uma lâmina d'água e se projetam ao infinito. Os pilares apresentam-se distribuídos em quatro segmentos (com seis hastes cada segmento), dispostos em cruz. A obra tem sua autoria atribuída a Caetano Fraccaroli (1911-1987), escultor nascido em Verona (Itália) e professor da FAU/USP. A concepção da grande escultura se deu mediante convite de Armênio Iranick Arakelian, arquiteto da UFMS, formado na FAU/USP, onde Fraccaroli lecionava.



Fotografia aérea da Cidade Universitária em 1970, testemunhando que o projeto original trazia o Monumento no complexo arquitetônico.

Acervo: ARCA

Nos registros do Atelier Caetano Fraccaroli, o escultor explica o Monumento Simbólico para Cidade Universitária de Campo Grande da seguinte forma:

colunas brancas nascendo na superfície da água, onde se origina a vida terrestre, elevam-se para o espaço à procura de valores cada vez mais altos. Essas colunas simbolizam os vários ramos da atividade intelectual do homem, tentando organizar-se numa unidade como ideal supremo do conhecimento (MALERONKA, 2000, p. 48).

O Paliteiro foi tombado por meio do Decreto Municipal nº 9.489, de 10 de janeiro de 2006, por se tratar de uma obra que revela o pioneirismo da implantação dos primeiros cursos universitários na região, sendo atualmente um marco urbano na paisagem de Campo Grande.



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Avenida Costa e Silva





Busto

JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA

Ano: 1972

Material: bronze sobre base revestido em granito

O monumento cristaliza a homenagem da colônia libanesa e de seus descendentes, à época coordenada pelo Cônsul Assaf Trad, em reconhecimento ao fundador de Campo Grande, José Antônio Pereira. Foi implantado, em junho de 1972, seu busto em bronze sobre base revestida de granito cinza.



A instalação fez parte das comemorações do centenário da chegada do fundador e sua comitiva à confluência dos córregos Prosa e Segredo, em junho de 1872. Com sua família e uma caravana, ele aqui se estabeleceu em 1875, criando as raízes do Arraial de Santo Antônio do Campo Grande.

Em 1999, o monumento foi revitalizado por ocasião do centenário de emancipação do município.



Canteiro Central da Avenida Afonso Pena
com Avenida Calógeras

Escultura

A FAMÍLIA

Autor: Índio (José Carlos Silva)

Ano: 1976

Material: arenito

Essa obra, em particular, está amalgamada com a história de vida do artista Índio. Acometido por hanseníase, doença que à época era imbuída de um forte estigma e preconceito social, o artista foi internado para tratamento no Hospital São Julião, em Campo Grande. Naquele tempo, as pessoas em geral temiam veementemente a contaminação pela doença por meio de simples contato, o que gerava um sentimento de carência e fragilidade nos pacientes que ficavam por longos períodos afastados de suas famílias.

Em 1975, com sua saúde restabelecida, voltou a Aquidauana (MS). No ano seguinte, em retribuição aos cuidados recebidos e ao carinho dispensado pelos amigos durante o período em que esteve no Hospital São Julião, o Índio produziu uma escultura em arenito, a qual denominou A Família. Por intermédio da obra, o artista externou toda a saudade que sentiu durante o período de isolamento e que era experimentada por todos os pacientes que enfrentavam a distância dos entes queridos, imposta pela enfermidade.

Ao observar as características estilísticas presentes na obra, é possível perceber que se trata de uma das primeiras de suas obras, sendo doada ao Hospital São Julião pelo artista. Até hoje, a obra se encontra nos jardins da instituição.

A escultura denota uma família composta por um homem, uma mulher e duas crianças. Enquanto o homem protege e ampara a mulher por meio de um abraço, esta sustenta um dos filhos em seu colo, no lado oposto da cena. A outra criança, em pé, logo ao chão, põe-se colada ao pai, em um esforço de não se separar daquele



monólito que é sua família. Assim, a união dessa família se torna um símbolo de esperança e fé para aqueles que atravessavam um doloroso período de separação.

Por meio de suas obras, o artista autodidata conheceu museus e galerias, imprimindo sua forma de trabalhar no arenito e no mármore e ensinando de maneira generosa a quem quisesse aprender. Legou para a cidade de Campo Grande várias esculturas que imprimem seu talento, reconhecido internacionalmente.

O Brasil foi o país pioneiro na redefinição da terminologia Lepra por Hanseníase, que só passou a ser empregada a partir de 1974. Foi adotada em homenagem ao Dr. Gerhard Hansen, médico bacteriologista que em 1873 identificou o agente causador da doença. O Hospital São Julião é centro de referência para tratamento de hanseníase na América Latina.



Hospital São Julião

Rua Lino Villacha, n. 1.250



Estátua

VESPASIANO BARBOSA MARTINS

Ano: 1978

Material: bronze sobre base revestido em granito

Exercendo inúmeros cargos públicos, entre os quais o de prefeito de Campo Grande e senador da República, o médico Vespasiano Barbosa Martins teve importante atuação na história política do estado. Sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932 fomentou o sentimento divisionista no sul de Mato Grosso, tornando Campo Grande o centro de difusão do movimento.



Após a criação do estado de Mato Grosso do Sul, em reconhecimento por sua luta divisionista, a coletividade campo-grandense prestou homenagem póstuma ao líder político, com uma estátua em bronze inaugurada em dezembro de 1978, na Praça do Rádio Clube.

Em 26 de agosto de 1962, foi inaugurada, em frente à sede do Rádio Clube, a então Praça da República, que em 1977, com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, passou a se chamar Praça Presidente Ernesto Geisel. Apesar das denominações oficiais, a população habituou-se a chamar esse espaço de Praça do Rádio Clube, nome reconhecido por meio da Lei nº 3.375, de 13 de outubro de 1997, e que permanece até os dias de hoje. Em maio do ano 2000, a Praça do Rádio Clube recebeu novo paisagismo e ali foi instalada a Concha Acústica Família Espíndola.¹



Praça do Rádio Clube

Avenida Afonso Pena com Rua Pedro Celestino

¹ Este texto pode ser encontrado em outros momentos, por razões didáticas.

MONUMENTO COMEMORATIVO AOS 70 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL



Tradução do texto em letra maiúscula: Monumento Comemorativo do Septuagésimo Aniversário da Imigração Japonesa

Autor: Shoji Oikawa

Ano: 1979

Material: concreto, pedra, ferro e vidro

Construído em um dos canteiros ao centro da Praça do Rádio Clube, o Monumento foi inaugurado em 26 de agosto de 1979 e a ele foi atribuído o título Monumento Comemorativo aos 70 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Teve como propósito homenagear a data comemorativa do septuagésimo aniversário da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil.

Em 1908, o navio a vapor Kasato-Maru entrou para a história como o primeiro navio usado no transporte de emigrantes japoneses para o Brasil, tendo aportado no cais 14, em Santos (SP), na manhã de 18 de junho, após ter percorrido quase 12 mil milhas náuticas entre o início e o fim da viagem. O Kasato-Maru desembarcou os primeiros 781 imigrantes japoneses, provenientes de 165 famílias.



O Monumento foi concebido também em homenagem à chegada das 26 famílias japonesas pioneiras na região de Campo Grande. A obra reproduz em escala reduzida e com riqueza de detalhes um modelo arquitetônico oriental, caracterizado por um “pagode de madeira com cinco andares”, que recebe a denominação de *Goju-no-to*.



A escultura construída em ferro e vidro tem sua autoria atribuída a Shoji Oikawa e foi encomendada pela Associação Esportiva Cultural Nipo-Brasileira (AECNB), sendo doada ao município de Campo Grande. Logo ao lado da escultura, está instalada uma grande lápide em granito preta (*ireihi*), contendo no idioma japonês uma mensagem aos descendentes dos imigrantes.



Praça do Rádio Clube

Avenida Afonso Pena com Rua Pedro Celestino

FAMÍLIA DE JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA

Autor: Índio (José Carlos Silva)

Ano: 1980

Material: arenito vermelho

O monumento foi criado para compor a paisagem de um local histórico e de extrema importância cultural para Campo Grande, a sede da antiga Fazenda Bálamo. Originalmente, o lugar foi a sede das terras de Antônio Luiz Pereira, filho de José Antônio Pereira, fundador de Campo Grande. Atualmente, o local abriga o Museu José Antônio Pereira.

Em comemoração ao centenário de construção da casa principal, uma escultura foi confeccionada em arenito vermelho pelas mãos habilidosas de José Carlos da Silva, o Índio. Representa uma cena familiar da qual participam Antônio Luiz Pereira, sua esposa, Anna Luiza Souza Pereira, e Carlinda, uma dentre os dez filhos do casal. A razão da escolha de Carlinda como única filha escolhida para compor a escultura está diretamente relacionada com a Fazenda Bálamo.



Antônio Luiz Pereira morreu em 24 de setembro de 1942. Carlinda Pereira Contar herdou as terras da Fazenda Bálsamo. Em 1966, Carlinda realizou a doação do conjunto arquitetônico que formava a sede da antiga fazenda para o município de Campo Grande, para que a área fosse incorporada ao patrimônio cultural da cidade. Por essa razão, a escultura eterniza a família e a sucessão daquele pedaço de chão, onde se encontra edificada a casa de taipa mais antiga, e única, de Campo Grande.

Assim, ainda hoje podemos encontrar a família Pereira sentada em um banco às sombras das

bocaiuvas, pelos jardins da antiga sede da Fazenda Bálsamo, recebendo os visitantes do Museu José Antônio Pereira e dando boas-vindas a todos, de forma muito casual, como se por ali o tempo estivesse parado.

No intuito de preservar a memória e a história da cidade, a municipalidade efetiva o tombamento do Museu José Antônio Pereira no ano de 1983, por meio do Decreto nº 4.934, de 20 de abril de 1983.

 **Museu José Antônio Pereira**
Avenida Guaicurus, s/n



Busto 

TIRADENTES

Ano: 1984

Material: bronze sobre base em granito



JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER
"TIRADENTES"
PATRONO DAS POLÍCIAS MILITARES



Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, é patrono das polícias militares do Brasil.

Um busto em bronze do inconfidente mineiro foi instalado em 21 de abril de 1984 defronte ao então prédio do Quartel General, na Avenida Afonso Pena. Com a construção da sede da corporação no Parque dos Poderes, foi dada a denominação de Palácio Tiradentes às instalações do seu Comando Geral e foi destinado um lugar de destaque na área urbanizada, no eixo da fachada central, para a implantação do busto do Mártir da Inconfidência.



Palácio Tiradentes

Comando Geral da Polícia Militar de MS
Parque dos Poderes

Avenida Desembargador Leão Neto do Carmo, n. 1.203

Monumento

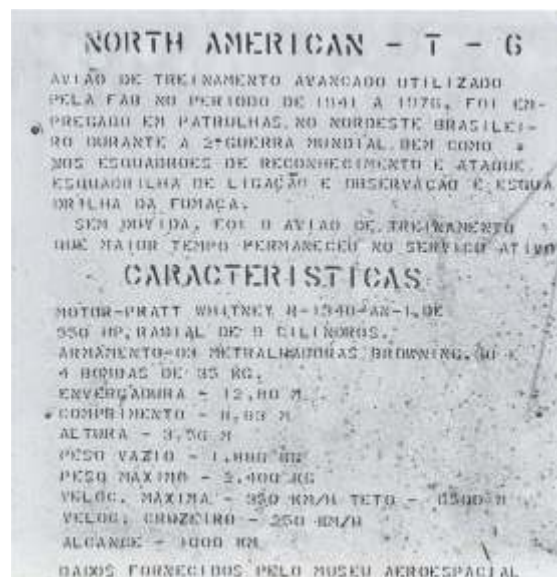
NORTH AMERICAN T-6

Autor: Força Aérea Brasileira – FAB

Ano: 1984

Material: metálico

A Esquadilha de Reconhecimento e Ataque N42 (Era – 42) foi criada e ativada em 20 de outubro de 1965, na Base Aérea de Campo Grande. Essa unidade aérea teve sua existência pautada em contínuas manobras isoladas e em conjunto com o Exército e Marinha do Brasil, tais como, operações Poti, Anchieta Catapro, Charrúa, Xavante. Teve como primeiro comandante o I Tenente Aviador Raul Galbarro Vianna, que operou com aeronave North American T-6 até a sua desativação em 10 de março de 1970.



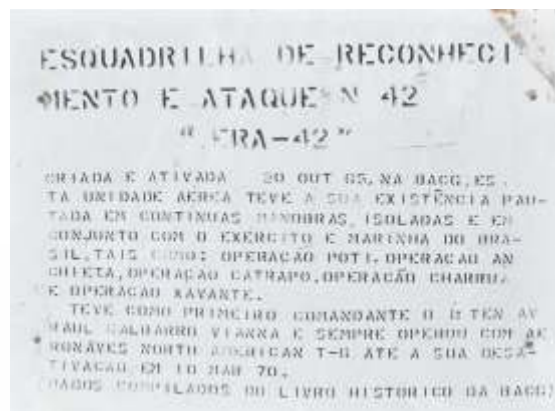
² Texto retirado da placa informativa do monumento.

A Praça Coronel Aviador Chaves Filho foi inaugurada em 28 de outubro de 1984, sendo uma homenagem ao aviador campo-grandense e comandante de esquadrão de caça, Zózimo Aderaldo Chaves Filho, que faleceu em acidente aéreo em 1º de julho de 1983. A aeronave T-6, instalada em frente à Base Aérea de Campo Grande, guarda na entrada da unidade símbolo da gloriosa Esquadrilha de Reconhecimento e Ataque N42 (Era - 42).

O Monumento North American T-6, conhecido como O Avião, era uma aeronave de treinamento avançado, utilizada pela Força Aérea Brasileira (FAB), no período de 1941 a 1976. Foi empregada em patrulhas no Nordeste brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, bem como nos Esquadrões de Reconhecimento e Ataque e Esquadrilha de Ligação e Observação

e Esquadrilha da Fumaça.² Sem dúvida, foi o avião de treinamento que maior tempo permaneceu no serviço ativo.

O Monumento e a denominação da Praça são registros históricos da presença da FAB na região Centro-Oeste e de sua efetiva participação no desenvolvimento da cidade em que estão sediadas importantes unidades da corporação.



Praça Coronel Aviador Chaves Filho

Avenida Duque de Caxias



ESPAÇO MONUMENTO INFINITO

Autor: Yutaka Toyota

Ano: 1988

Material: ferro polido, aço inoxidável e pintura com tinta automotiva

Nos 80 anos da imigração japonesa, em 26 de agosto de 1988, foi instalado o Espaço Monumento Infinito, obra do artista visual Yutaka Toyota, localizada na Praça do Rádio Clube. A escultura em ferro polido e aço inoxidável utiliza, segundo críticos de arte, uma linguagem com fundamentos tecnológicos, filosóficos e estéticos. O monumento foi executado por empresa de serralheria local denominada Metalúrgica Vitória LTDA, com orientação e supervisão do artista.

Em 26 de agosto de 1962, foi inaugurada, em frente à sede do Rádio Clube, a então Praça da República. Em 1977, com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, passou a se chamar Praça Presidente Ernesto Geisel. Apesar das denominações oficiais, a população habituou-se a chamar esse espaço de Praça do Rádio Clube, nome reconhecido por meio da Lei nº 3.375, de 13 de outubro de 1997, e que permanece até os dias de hoje. Em maio do ano 2000, a Praça do Rádio Clube recebeu novo paisagismo e ali foi instalada a Concha Acústica Família Espíndola.



Praça do Rádio Clube

Avenida Afonso Pena com Rua Pedro Celestino



Monumento

VIBRAÇÃO CÓSMICA

Autor: Yutaka Toyota

Ano: 1988

Material: ferro polido, aço inoxidável e pintura com tinta automotiva

No pátio do Paço Municipal, na Avenida Afonso Pena, foi instalada em 26 de agosto de 1988 a escultura em ferro polido, denominada Vibração Cósmica, do artista visual Yutaka Toyota. Foi executada por empresa de serralheria local denominada Metalúrgica Vitória LTDA, com orientação e supervisão do artista. A composição é de tendência abstrata, explorando reflexos de luz e movimento.

O artista relatou em entrevista que, como havia surgido a oportunidade de criação e dispondo de vasto material doado, foi possível realizar duas obras. Foi então que o artista sugeriu fazer dois monumentos, um maior que ficaria na Praça do Rádio Clube e outro menor que ficaria na Prefeitura, não só para homenagear a imigração japonesa, mas também para homenagear a cidade de Campo Grande.

As obras de Toyota são registros da imigração japonesa, revelando o compromisso da etnia com a preservação de sua identidade cultural, aliando tradição e modernidade.

 **Paço Municipal**
Avenida Afonso Pena, n. 3.297



Estátua

SÃO JOÃO BOSCO

Autor: "Seo" China (Antônio Bezerra de Araújo)

Ano: 1988

Material: cimento, pó de mármore, ferro, massa corrida e látex externo

O monumento homenageia São João Bosco, que nasceu na região do Piemonte, norte da Itália, em 1815, e ordenou-se sacerdote em 1841. Foi o fundador do Oratório de São Francisco Sales, na cidade de Turim, cujos trabalhos eram dedicados aos jovens mais necessitados da periferia daquela cidade. Em 1959, fundou a Congregação Religiosa São Francisco de Sales, Ordem dos Salesianos. Faleceu em 31 de janeiro de 1888, na cidade de Turim, Itália.

A Missão Salesiana chegou à região do atual Centro-Oeste brasileiro no ano de 1894, com seu espírito educador, mariano e a serviço dos jovens. Podemos observar em suas obras missionárias, ao longo do mundo, a implantação de colégios e a execução de serviços beneficentes. E assim também foi em Campo Grande.



Canteiro da Rua Amazonas com a
Rua Maranhão

Como homenagem ao centenário do falecimento de São João Bosco, os salesianos instalaram monumentos comemorativos, replicados por meio de modelagem e produzidos a partir da obra original, esculpida pelo artífice Antônio Bezerra de Araújo, conhecido por “Seo China”.

A partir dela, foram construídos os moldes que produziram diversas estátuas cimentícias idênticas, que foram distribuídas pelas paróquias em que à época os salesianos se faziam presentes. A imagem representa o santo rodeado por crianças, que foram inspiração para o seu trabalho. O santo traz no rosto um sorriso sereno e complacente.

São João Bosco foi canonizado em 1934 e tornou-se um dos santos mais aclamados da Igreja Católica. É reconhecido como “Apóstolo da Juventude”.



Estátua

SANTO ANTÔNIO

Ano: 1991

Material: mármore carrara sobre base em granito

Santo Antônio de Pádua é considerado o santo padroeiro de Campo Grande e popularmente conhecido como o santo casamenteiro. Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1195. Filho de nobre, foi batizado como Fernando Antônio de Bulhões, ordenou-se sacerdote e entrou para a Ordem Franciscana, passando então a se chamar Antônio. Os sermões de Antônio foram considerados como as mais notáveis obras literárias de natureza religiosa. Santo Antônio faleceu em 13 de junho de 1231, aos 36 anos de idade. Foi proclamado pela Igreja "doutor da Igreja universal".

Na imagem de Santo Antônio, o hábito remete à Ordem Franciscana, à qual ele se dedicou ao longo da vida. O cordão que envolve sua cintura representa seus votos perpétuos, seu cabelo raspado no centro da cabeça se chama tonsura e representa o voto de castidade e a renúncia das vaidades. O Menino Jesus ao colo de Santo Antônio representa a sua extraordinária intimidade com Jesus Cristo, fonte da sabedoria e dos dons que nele se manifestavam e se convertiam em palavras. O lírio trazido por Santo Antônio representa sua castidade, sua pureza de coração e relembra a estação do ano na qual o Santo morreu (verão no hemisfério norte). Por fim, o terço de Santo Antônio revela a sua entrega à oração e sua devoção à mãe de Deus.



A história desse monumento remonta ao ano de 1922, quando Bernardo Franco Baís trouxe da Itália a escultura, feita em mármore de Carrara, e a doou para a Igreja Matriz de Santo Antônio. A imagem acabou se convertendo no pináculo do templo dedicado ao padroeiro da cidade, em um nobre e altaneiro lugar, acima da porta principal e ladeado por dois campanários.

Após a demolição da Igreja, no final da década de 1970, uma nova foi inaugurada, em 13 de junho de 1989. Por ocasião da vinda do Papa João Paulo II, hoje São João Paulo II, a Campo Grande, em 1991, o templo foi consagrado como Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Abadia e Santo Antônio de Pádua. A escultura foi instalada em um pedestal, ao lado da porta de entrada.



Catedral Nossa Senhora da Abadia e Santo Antônio de Pádua

Travessa Lydia Baís, s/n



Igreja Santo Antônio, 1968. Terceira igreja dedicada ao santo padroeiro de Campo Grande.

Acervo: Arquivo Yoshi Haru Guenka

Escultura

A LUA

Autor: Índio (José Carlos Silva)

Ano: 1989, adquirida pela PMCG em 1992

Material: mármore branco e pedestal em arenito

A Lua foi concebida no ano de 1981, por José Carlos Silva, conhecido artisticamente como Índio. Esculpida em mármore branco em estilo contemporâneo, combina formas orgânicas com linhas geométricas e demonstra a preocupação que o artista tinha de preservar a formação da rocha, tão peculiar às suas obras.

Traz na pedra uma epígrafe com a seguinte frase do artista: “Reconheço o dom de esculpir como uma dádiva de Deus”. A obra foi concebida para presentear a *marchand* Mara Dolzan, grande incentivadora do artista e proprietária de uma conceituada galeria de arte de Campo Grande. Dolzan lhe abriu as portas para outras galerias e exposições, nacionais e internacionais.

Índio faleceu em 1991 e as obras de restauro da Morada dos Baís cessaram no ano de 1995. Tal oportunidade foi perfeita para que, em homenagem póstuma ao artista, fossem adquiridas pela Prefeitura Municipal de Campo Grande duas obras do artista, que integravam o acervo da galeria de Mara Dolzan, para compor a ambiência externa do casarão recém-restaurado.



Uma das obras adquiridas foi a intitulada *Los Amantes*³, uma escultura em arenito vermelho, que também compõe esta publicação. A outra obra foi a escultura denominada *A Lua*. Até os dias atuais, as duas obras podem ser apreciadas em acervo permanente na Morada dos Baís.

A escultura foi revitalizada em 2021, quando o Serviço Social do Comércio (Sesc), Administração Regional do estado do Mato Grosso do Sul, que ocupou o imóvel da Morada dos Baís desde 2015, fez a devolução da edificação ao poder público. A obra de revitalização foi executada por Sandro Luiz Ferreira da Silva, filho do artista Índio.



Morada dos Baís

Avenida Noroeste n. 5.140

³ Pellegrini e Reino (2013).



Escultura

LOS AMANTES⁴

Autor: Índio (José Carlos Silva)

Ano: 1989, adquirida pela PMCG em 1992

Material: arenito

Executada em arenito, a escultura, em um apertado abraço, denota um casal que aparenta ser indígena. Foi concebida, para fim utilitário, uma base de apoio central para a sustentação de um tampo de mesa. A obra foi encomendada pela galerista Mara Dolzan, grande incentivadora do artista, por reconhecer nele uma qualidade artística com um grande potencial para o sucesso. Dessa forma, Mara Dolzan sempre procurou expor seu trabalho onde a visibilidade e o acesso ao grande público fossem maiores.

Finalizadas as obras de restauro da Morada dos Baís, no ano de 1995, a Prefeitura Municipal de Campo Grande adquiriu duas esculturas de autoria de Índio, com a galeria de Mara Dolzan, para compor o paisagismo das áreas externas do



casarão, sendo uma delas intitulada A Lua, obra que também compõe esta publicação, e a outra denominada Los Amantes. O casal, cujo abraço foi imortalizado na pedra pelo talento de Índio, pode ainda ser apreciado nos dias de hoje, nos jardins da Morada dos Baís.

A escultura foi revitalizada em 2021, quando o Serviço Social do Comércio (Sesc), Administração Regional do estado do Mato Grosso do Sul, que ocupou o imóvel da Morada dos Baís desde 2015, fez a devolução da edificação ao poder público. A obra de revitalização foi executada por Sandro Luiz Ferreira da Silva, filho do artista Índio.



Morada dos Baís

Avenida Noroeste n. 5.140

⁴ Pellegrini e Reino (2013).

Efígie

PEDRO PEDRA

Ano: 1993

Material: bronze sobre placa em concreto

Os fundos necessários para a construção desse monumento foram arrecadados por meio de um movimento popular. Contribuíram, na época, empresários de diversos setores produtivos da cidade, dentre os quais podemos citar: as federações do comércio, da indústria, a Associação Comercial, a Câmara de Valores Imobiliários, o Sindicato dos Corretores de Imóveis. Assim, resultou a homenagem ao tabelião Pedro Pedra, que foi titular do 3º Cartório de Notas e Protestos

de Campo Grande, no período de 1949 a 1980. Heitor Freire, em seu artigo *Tempos Românticos*,⁵ define o Pedro Pedra como uma pessoa simpática, discreta, muito querida por todos e muito humana no desempenho do seu trabalho, que às vezes incorria em situações constrangedoras. No mesmo artigo, Heitor Freire afirma ainda ter iniciado o movimento de arrecadação de fundos para a construção desse monumento, como Presidente da Câmara de Valores Imobiliários, que era à época.



Praça do Rádio Clube

Avenida Afonso Pena com Rua Pedro Celestino



O monumento se constitui em uma efígie fundida em bronze, de forma circular, contendo o rosto de Pedro Pedra em relevo. A peça descrita está fixada em uma placa de concreto trapezoidal. Logo abaixo da figura do homenageado, há uma discreta chapa retangular em bronze, contendo a assinatura das instituições empenhadas na realização do projeto. A homenagem foi implantada na Praça do Rádio Clube, em frente ao Rádio Clube.



⁵ Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/tempos-romanticos-por-heitor-freire>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2022.

MONUMENTO AO ÍNDIO

Autor: Roberto Montezuma
(Roberto Montezuma Carneiro da Cunha)

Ano: 1993

Material: blocos de pedras, concreto,
armadura em ferro

O Monumento ao Índio encontra-se no centro da Praça da Zarabatana, espaço interno ao Parque das Nações Indígenas. A Praça está localizada próxima ao acesso denominado entrada Guarani. O Monumento foi concebido de forma a desem-

penhar um caráter funcional, extrapolando o estético. Foi desenvolvido de forma que se consolidasse em um equipamento do Parque, além de cumprir o propósito de compor a paisagem local, possibilitando que seus usuários observem a paisagem através de suas aberturas, como uma espécie de mirante.

Embora tenha permanecido inacabada, a obra foi projetada pelo arquiteto e urbanista Roberto Montezuma, que exerceu a docência há muitos



anos no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. Montezuma coordenou e colaborou na produção de diversas publicações de alta relevância para arquitetos e urbanistas. Em Campo Grande, construiu também a sede da TV Educativa em 1994, obra cujo destaque ficou para a torre, que conta com 116 metros de altura, sendo considerada à época a mais alta torre de alvenaria da América Latina.

O Monumento ao Índio conta com aproximadamente 12 metros de altura. Seu interior é oco, assim como as torres dos castelos, os minaretes das mesquitas ou os campanários das catedrais. Do lado interno de suas paredes, são fixados degraus, compondo uma escadaria que se projeta em ascensão espiral. Segundo informações do Governo de Mato Grosso do Sul,⁶ sua forma foi concebida mediante inspiração no aspecto de uma zarabatana, artefato indígena, artesanal, utilizado para caça e armamento (ataque e defesa), semelhante a um tubo longo, em que se introduzem setas que são lançadas por meio de sopro vigoroso. O artefato é muito utilizado pelas tribos indígenas da região amazônica.



Praça da Zarabatana

Parque das Nações Indígenas

Entrada Guarani

Avenida Afonso Pena

⁶ Disponível em: <<https://www.parquedasnacoesindigenas.ms.gov.br/monumento-ao-indio-praca-da-zarabatana/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.





Monumento

LEI DE DEUS - OS DEZ MANDAMENTOS

Autor: Heitor Pereira de Oliveira

Ano: 1993

Material: granito

O Monumento Lei de Deus - Os Dez Mandamentos está localizado na Praça Ary Coelho, um dos espaços mais antigos de Campo Grande. A Praça ocupa o local do primeiro cemitério do Arraial de Santo Antônio do Campo Grande, que, como era costume na época, ficava nas imediações da Igreja. Em 1909, com o novo traçado urbano do engenheiro Nilo Javari Barém, a Praça foi ali instalada com o nome de Dois de Novembro, passando em 1915 a ser reconhecida como Jardim ou Praça Municipal. Na década de 1920, foi Praça da Independência e, no início dos anos 1930, Praça da Liberdade. Em 1922, ocorre uma remodelação, construindo um coreto e uma pérgula, implantando-se em 1925 o Pavilhão do Chá, com a finalidade de diversificar o lazer na cidade. Em 1957, passa a funcionar ali a Biblioteca Municipal. O logradouro recebeu a denominação

de Praça Ary Coelho em 1954, em homenagem ao prefeito de Campo Grande assassinado em 1952, em Cuiabá.

O Monumento consiste em uma mureta de alvenaria de 1x2m revestida de granito claro, composta por base e duas folhas, espaço em que se encontram esculpidos os dez mandamentos. A superfície de granito tende a refletir a luz ao redor, natural ou artificial. O Monumento tem como elemento predominante o granito, sendo que o texto esculpido na pedra.



Praça Ary Coelho

Avenida Afonso Pena com Rua 13 de Maio

BELMAR FIDALGO

Autor: desconhecido

Ano: 1994

Material: bronze sobre placa em concreto

Exemplo de desportista por sua lealdade e disciplina, Belmar Fidalgo nasceu em Três Lagoas (MS), em 1917, passando quase toda sua vida em Campo Grande, exercendo a função de sargento do Exército. Além de atuar na União dos Subtenentes e Sargentos, foi fundador e diretor do Esporte Clube Juventus, participando da diretoria da Liga Esportiva Municipal.

Grande incentivador da prática de atletismo, voleibol, basquetebol e futebol entre os jovens, faleceu prematuramente, aos 37 anos, em agosto de 1953. Uma campanha lançada pelo Jornal do Comércio, endossada por outras publicações, mobilizou a comunidade para a escolha de Belmar Fidalgo como patrono do Estádio Municipal, o que ocorreu em 25 de outubro do mesmo ano, com a inauguração da placa com seu nome.

O terreno onde hoje se encontra a Praça Esportiva foi doado por João Pectorine Júnior, em 1930, para receber a instalação de um campo de futebol, conhecido na época como Campo de Marte, em razão de sua localização ser no fim da Rua Marte, atualmente Rua Arthur Jorge.

Praça Esportiva Belmar Fidalgo Rua Dom Aquino, n. 2.536

Sucessivas reformas nas décadas de 1980 e 1990 transformaram o Estádio em praça desportiva, destinada principalmente às caminhadas de moradores da área central da cidade. Em 1994, é inaugurada a efígie de Belmar Fidalgo em placa de bronze, instalada em coluna de concreto, à entrada da praça esportiva.

No ano de 2021, para fins de levantamento do estado de conservação dos monumentos, para elaboração deste livro, em vistoria realizada pelos técnicos da Gerência de Patrimônio Cultural, na Praça Belmar Fidalgo, foi constatado que a referida efígie não se encontrava no espaço destinado a ela.



Foto da Efígie do Belmar Fidalgo, presente na 2ª edição deste livro.

Efígie

LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA

Autor: desconhecido

Ano: 1994

Material: bronze sobre placa em concreto

A efígie de Luiz Alexandre de Oliveira foi instalada em 1994 na sede do Centro de Capacitação de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal (Cecap), em reconhecimento ao educador emérito, que dedicou sua vida a importantes ações educativas. Implantou os primeiros cursos noturnos no ensino secundário e a assistência médico-odontológica para alunos da rede escolar, tendo expressiva participação nas atividades do Colégio Oswaldo Cruz e na Escola Visconde de Cairu.

Conceituado advogado, destacou-se na defesa dos interesses da Colônia Japonesa. Por sua relação de amizade e respeito, recebeu manifestação de reconhecimento do imperador do Japão.

Falecido em outubro de 1997, deixou em testamento seus bens materiais para diversas instituições de Campo Grande.

Em 2021, foram realizadas vistorias pelos técnicos da Gerência de Patrimônio Cultural, a fim de realizar um levantamento do estado de conservação dos monumentos para

elaboração deste livro, sendo constatado, no Centro de Capacitação de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Campo Grande, que a referida efígie não se encontra no espaço destinado a ela.



Centro de Capacitação de Recursos Humanos da PREFCG

Avenida Ernesto Geisel, n. 4.009



Foto da Efígie de Luiz Alexandre de Oliveira, presente na 2ª edição deste livro.

Monumento

HOMENAGEM À CONCEIÇÃO DOS BUGRES

Autor: José Nantes de Oliveira

Ano: 1994

Material: arenito

O Monumento homenageia a artista Conceição Freitas da Silva, que nasceu em Povinho de Santiago (RS) em 1914. Aos seis anos, mudou-se para o sul do então estado de Mato Grosso. Estabeleceu-se, inicialmente, em Ponta Porã e mudou-se para Campo Grande apenas aos 43 anos, lugar em que faleceu em 1984, já com setenta anos de idade. Foi um fenômeno surpreendente, criou seus "bugrinhos" de madeira e cera de abelha e se tornou uma reconhecida artista popular, tendo participado de bienais e exposições no Rio de Janeiro, em São Paulo, sendo reconhecida internacionalmente. Em 2021, seu trabalho foi escolhido para uma mostra no Museu de Artes de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

Segundo Amanda Carneiro e Fernando Oliva, curadores do MASP, "a artista é fundamental para se compreender uma história mais plural da escultura brasileira no século XX".⁷ Sua obra é poderosa no sentido de proporcionar ricos debates acerca de repetição e particularidade. Os bugres da Conceição sintetizam figuras humanas com uma etnicidade aparentemente indígena. Esculpidos na madeira e cobertos de cera, são

considerados símbolos da identidade cultural do estado. Sua arte, iniciada em um pedaço de mandioca, foi transferida para pedaços de madeira, dando origem a bonecos nos mais diversos tamanhos que, embora manifestem muitas semelhanças, revelam também muitas particularidades e expressões diferenciadas.

A escultura, criada por José Nantes de Oliveira e que homenageia Conceição dos Bugres, encontra-se em exposição próxima à entrada principal do Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo, conhecido também como Palácio Popular da Cultura. A obra consiste em um bugre, aos moldes do trabalho que a artista produzia. Contudo, o Monumento é feito em arenito, pesando duas toneladas. A obra de arte foi inaugurada conjuntamente com o prédio do Centro de Convenções e seu posicionamento na paisagem foi definido pelo arquiteto Rubens Gil de Camilo, autor do projeto.



⁷ Disponível em: <<https://masp.org.br/exposicoes/conceicao-dos-bugres>>. Acesso em: 19 de março de 2022.



Centro de Convenções Rubens Gil de Camilo
Parque dos Poderes

Escultura

ESPIRAL

Autor: Sandro Luiz Ferreira da Silva

Ano: 1995

Material: mármore

Uma espiral, por definição, é uma curva que gira em torno de um eixo central, constitui-se em um símbolo de evolução e de movimento ascendente e progressivo, que pode ter associado o movimento de evolução e de involução. A Escultura foi encomendada ao artista Sandro Luiz Ferreira da Silva pela galerista Mara Dolzan, que posteriormente a vendeu para a Prefeitura Municipal de Campo Grande.



À época, a Prefeitura estava inaugurando um prédio novo destinado à capacitação de seu corpo técnico.

O monumento Espiral, enquanto obra de arte abstrata, reforça a evolução do saber humano, ideia convergente com a finalidade e o uso da edificação que ela ornamenta. A Escultura Espiral foi realizada segundo a inspiração surgida de um diálogo tido entre Sandro e seu pai, o artista José Carlos Silva, o Índio, falecido em 1991. Antes de morrer, Índio pediu a Sandro para que desse um “nó” nas pedras deixadas por ele, após sua partida. Após o falecimento de seu pai, o artista fez das “pedras” herdadas o seu caminho nas artes visuais do estado.



Avenida Ernesto Geisel com Rua 26 de Agosto

Escultura

PRETO VELHO

Autor: Gentil da Silva Meneses

Ano: 1995

Material: concreto armado

O monumento pode ser considerado uma homenagem à expressão das religiões de matriz africana aos seus fiéis. Também, pode ser visto como um símbolo de resistência frente ao preconceito e à intolerância enfrentados por esse grupo cultural que compõe a cultura campo-grandense.

A Estátua do Preto Velho nasceu das mãos do artista Gentil da Silva Meneses e foi doada à Prefeitura Municipal de Campo Grande pela Federação dos Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios de Mato Grosso do Sul, para que fosse implantada na Praça dos Pretos Velhos. Assim, espaço e monumento se converteram em uma das poucas ocorrências de consagração a religiões e cultos afro-brasileiros em Campo Grande.

O monumento denota a imagem de um preto velho, sentado e apoiado em um cajado com sua mão direita e empunhando seu cachimbo com outra mão. Os pretos velhos são entidades muito importantes e respeitadas nos rituais de umbanda, representando espíritos de negros escravizados que resistiram ao cativeiro, sendo portadores de grande sabedoria e dominando conhecimentos tradicionais de cura por meio de ervas medicinais e receitas caseiras.





Parque Linear do Córrego das Cabaças
Praça Pretos Velhos
Entrada pela Avenida Salgado Filho

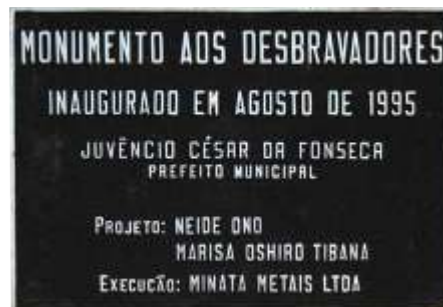
MONUMENTO AOS DESBRAVADORES

Autor: Neide Ono (Neide Satsiko Ono)

Ano: 1996

Material: alumínio, bronze e metal dourado sobre placa de concreto revestida em granito

O amplo painel instalado na confluência dos córregos Prosa e Segredo, considerado o marco zero de Campo Grande, é um monumento que contempla o registro histórico do início da ocupação de Campo Grande, por volta de 1872. Vindo de carros de boi, mais tarde os precursores iniciariam ali a formação do povoado, construindo seus primeiros ranchos no local conhecido como Mato Cortado.



O Monumento, medindo 10x5m, foi inaugurado em 1995, junto com a implantação do Parque Florestal Antônio de Albuquerque, popularmente conhecido por Horto Florestal. A obra, idealizada pela artista visual Neide Ono, com a colaboração da equipe de Marisa Tibana e Carlos Massao Minata, é composta por peças fundidas em alumínio, bronze e metal dourado, em uma grande placa de concreto armado revestida em granito preto.


Um detalhe vazado no painel permite que a luz do sol e a luz da lua interfiram na paisagem, proporcionando aspectos múltiplos no contexto do trabalho, que pode ser visto sob vários ângulos.

Uma curiosidade interessante acerca do Monumento são os diversos nomes a ele atribuídos. Foi chamado de Monumento aos Imigrantes, devido à chegada de povos de outros lugares; também foi denominado de Monumento aos Pioneiros, em homenagem às primeiras famílias que aqui chegaram. Ficou conhecido também por Monumento ao Carro de Boi, pois foi com esse veículo que as famílias venceram longas distâncias e aqui aportaram. E, por fim, Monumento aos Desbravadores, nome original e oficial da obra.





O Monumento foi revitalizado e entregue à população em 22 de dezembro de 2021, através de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, que contou com o apoio da empresa parceira 067 Vinhos, responsável também pelo paisagismo da praça que abriga o Monumento.

 **Praça Nelly Martins**
Avenida Fernando Corrêa da Costa
com Avenida Ernesto Geisel




Monumento

CABEÇA DE BOI

Autor: Humberto Espíndola
(Humberto Augusto Miranda Espíndola)

Ano: 1996

Material: ferro e aço inoxidável

 Canteiro Central da Avenida Júlio de
Castilho com Avenida Duque de Caxias



O Monumento Cabeça de Boi nasceu de um antigo ponto marcante e popular. Localizado, em seus primórdios, em um ponto de parada para as comitivas de tropeiros, em que era negociado gado, que com o passar do tempo acabou por se tornar referência no Bairro Amambaí, ainda na década de 1920. O marco originalmente se tratava da ossada da cabeça de boi, posto no topo de um poste muito alto de aroeira, por um açougueiro da região, para que todos de longe avistassem o seu estabelecimento comercial. Isso bastou para que o ponto ficasse conhecido como “cabeça de boi”.

Anos depois, o poste com a carcaça de boi foi substituído por uma cabeça de boi embalsamada em uma caixa acrílica sobre pedestal de concreto, ficando pouco tempo no local. Em 1996, a caixa de acrílico foi substituída por uma obra de arte, medindo oito metros de altura, construída em ferro e aço inoxidável, concebida pelo artista Humberto Espíndola. Nascia o Monumento Cabeça de Boi, instalado inicialmente na Praça Cuiabá, sendo realocado para o atual endereço em 2011.



Maria da Glória Sá Rosa disse⁸ certa vez que Humberto Espíndola se utilizava do boi como metáfora para escrever a fábula da vida sul-matogrossense, com grande economia de signos. Tal fala se mostra não somente elegante e verdadeira, mas também completamente aplicável a esse Monumento.



⁸ Pellegrini e Reino (2013).

MONUMENTO DAS ARARAS

Autor: Cleir (Cleir Ávila Ferreira Júnior)

Ano: 1996

Material: concreto armado com pintura em esmalte acrílico semibrilho à base de água

O reordenamento viário ocorrido em 1996 criou um novo referencial urbano e possibilitou a implantação das esculturas gigantes das araras, que passaram a dar denominação ao logradouro, agora conhecido como Praça das Araras. Inserido na paisagem da cidade, o Monumento sugere a necessidade de preservação das araras e cristaliza a afetividade popular destinada a essas aves, além da valorização do patrimônio ambiental da região.



Praça das Araras

Rua Doutor João Rosa Pires com Rua Dom Aquino

As araras são aves relativamente grandes, pertencem à família dos psitacídeos, que inclui os periquitos e os papagaios. Os psitacídeos apresentam o maior número de espécies ameaçadas de extinção dentre as famílias de aves. As araras possuem plumagem de grande exuberância cromática e exercem grande destaque por sua beleza, tornando esses pássaros vítimas constantes de traficantes de animais.





As araras demonstram comportamento reprodutivo monogâmico e enfrentam problemas, como a baixa taxa de reprodução e a perda de seu habitat natural.⁹

O Monumento conta com 10 metros de altura. Foi instalado em uma elevação do terreno da Praça, tendo sido construído em argamassa armada, graças ao talento e habilidade do artista visual Cleir, cuja produção artística permeia predomi-

nantemente uma temática de exaltação da fauna regional, exercida sob diversas formas de expressão. Segundo informações do artista,¹⁰ o Monumento das Araras foi construído em dez dias e foi inaugurado em 22 de outubro de 1996. Conta o artista que sua ideia inicial seria conceber a escultura com três araras-azuis. Entretanto, resolveu consultar uma especialista do *Instituto Arara Azul* para que lhe informasse se era possível observar na natureza o convívio harmônico e

⁹ Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/animais/arara.htm>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.ilovemosoficial.com/2013/05/cleir-artista-plastico-ms.html>>. Acesso em: 04 de outubro de 2021.

espontâneo entre araras das espécies azul e vermelha. Com a informação positiva, optou por substituir uma das araras-azuis por uma arara vermelha na composição da obra.

Uma curiosidade acerca do Monumento é que em setembro de 2020 foi realizado o Projeto do Mesmo Sangue, realizado pelo Governo de Mato Grosso do Sul, pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, em parceria com o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicred) e Hemosul.

O Projeto tinha por finalidade aumentar as doações de sangue para aumentar os estoques de sangue no Hemocentro local, para isso uma empresa patrocinou o restauro e repintura do Monumento. No entanto, a arara-vermelha ganhava cor à medida que as metas de arrecadação de bolsas de sangue eram alcançadas através da participação dos doadores de Campo Grande. Ao término do Projeto, mais de cinco mil unidades de bolsas de sangue foram doadas, revertidas em prol da população da capital e o Monumento foi restaurado por completo.



MONUMENTO AOS PRACINHAS

Autor: Flávio Araújo Braga

Ano: 1999

Material: concreto armado

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi instituída em 09 de agosto de 1943, antecedendo a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial para lutar junto aos aliados e contra os países totalitários do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Contando com 25.334 brasileiros, os expedicionários passaram a ser tratados por “pracinhas”.¹¹

Originários de todas as partes do Brasil, oriundos de todas as classes sociais, credos, etnias e gêneros, foram enviados em campanha para a Itália, entre os anos de 1944 e 1945. A FEB contou com a participação de 74 mulheres atuando como enfermeiras.



Desembarcando na Itália, em 16 de julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira permaneceu lá por pouco mais de um ano, combatendo por 239 dias em nome do Brasil. A Guerra deixou um saldo de 454 soldados mortos.

Coube ao sul de Mato Grosso o envio, a terras italianas, do 9º Batalhão de Engenharia (9º BE) de Aquidauana, atualmente denominado 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BECmb), e do Batalhão Coronel Carlos Camisão, ambos sob o comando do Coronel José Machado Lopes, com 679 militares. Os soldados foram os primeiros brasileiros a entrarem em ação em todas as operações e combates.

Em homenagem aos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira em Mato Grosso do Sul, foi inaugurado em 1999, por ocasião das comemorações do centenário de emancipação de Campo Grande, um monumento em concreto armado, ostentando as cores da bandeira brasileira. Na base do Monumento aos Pracinhas, há placas com a relação dos nomes dos pracinhas da região que participaram do conflito.



Canteiro Central da Avenida Afonso Pena, entre a Rua 13 de Maio e Rua Rui Barbosa



¹¹ O termo “pracinha” surgiu da expressão “sentar praça”, que significa se alistar nas Forças Armadas. O apelido era atribuído aos soldados rasos, detentores da patente mais baixa da hierarquia militar. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/por-que-os-soldados-brasileiros-enviados-para-a-2-guerra-mundial-eram-chamados-de-pracinhas/>> . Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Busto 

HARRY AMORIM COSTA

Ano: 1999

Material: bronze



Harry Amorim Costa nasceu em 23 de maio de 1927,¹² em Cruz Alta (RS). Engenheiro formado pela Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul, ambientalista e político, o início de sua atuação profissional foi técnica e direcionada às obras de saneamento e drenagem. Atuou em pontos importantes, como no Departamento Nacional de Obras de Saneamento (1950). Foi chefe do 7º Distrito Federal de Obras de Saneamento de Minas Gerais (1963), presidente da Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem (1976) e chefe do 12º Distrito Federal de Obras de Saneamento do Rio Grande do Sul (1969).

O estado de Mato Grosso foi dividido por meio da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977. Conseqüentemente, surgiria a partir de janeiro de 1979 o estado de Mato Grosso do Sul cuja capital seria Campo Grande. Em 28 de março de 1978, Harry Amorim Costa foi indicado para exercer o cargo de primeiro governador do estado recém-criado. Amorim foi nomeado em 31 de março de 1978 e empossado em 1º de janeiro de 1979 para um mandato de quatro anos.





Em 12 de outubro de 1979, foi substituído por Marcelo Miranda, então prefeito de Campo Grande. Harry Amorim candidatou-se a deputado federal por Mato Grosso do Sul nas eleições de 1982 e venceu. No pleito de outubro de 1986, Amorim candidatou-se à reeleição, não obtendo êxito. Deixou a Câmara dos Deputados em janeiro de 1987.

Harry Amorim Costa faleceu em 20 de agosto de 1988, em decorrência de um acidente automobilístico.

Em uma homenagem da Colônia Gaúcha de Campo Grande ao seu conterrâneo, o Busto de Harry Amorim Costa foi implantado no Parque das Nações Indígenas em 28 de outubro de 1999, como parte das comemorações do centenário de emancipação do município.



Parque das Nações Indígenas
Entrada Guarani

Avenida Afonso Pena

¹² Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/amorim-harry>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

Monumento

PANTANAL SUL

Autor: Cleir (Cleir Ávila Ferreira Júnior)

Ano: 2000

Material: concreto armado com pintura em esmalte acrílico semibrilho à base de água

O tuiuiú é considerado a ave símbolo do Pantanal, considerado a maior ave voadora desse bioma. Seu voo é majestoso, com seus impressionantes 3 metros de envergadura de asas. A ave pertence à família dos ciconídeos (família das cegonhas), que são monogâmicos, não possuem canto (são mudos) e se comunicam através do batimento do bico no ninho. Embora sejam encontrados em uma vasta área, que se estende do México até a Argentina, 50% da população dos tuiuiús vivem no Brasil e principalmente na planície pantaneira.

Talvez, em razão de esses pássaros serem tão especiais, foram os escolhidos para figurar em um monumento localizado em frente ao Aeroporto Internacional de Campo Grande. O Monumento denota três gigantes tuiuiús em uma analogia ao voo, pouso e decolagem das aves e aeronaves. A escultura foi trabalhada em argamassa armada, conta com 6 metros de altura e a envergadura das asas abertas chega a 12 metros. A obra do artista visual Cleir foi inaugurada em maio de 2000, após a remodelação das instalações do Aeroporto e reurbanização da área adjacente.





Segundo o artista, a obra, em sua concepção e instalação, possuía um espelho d'água que posteriormente foi removido, deixando uma paginação de piso.

Em 2017, o Monumento foi recuperado e devolvido à comunidade, renovando a grandiosidade dessa obra de Cleir, que lembra a riqueza do patrimônio natural do nosso estado de Mato Grosso do Sul e a exuberância e beleza da nossa fauna pantaneira. Para a realização desse projeto, foi imprescindível a participação de empresas parceiras, tais como, o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) e a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero).



 **Praça Brigadeiro Faria Lima**
Aeroporto Internacional de Campo Grande
Avenida Duque de Caxias

Monumento

RÉPLICA DO RELÓGIO DA 14 DE JULHO RENATO BARBOSA DE REZENDE

Ano: 2000

Material: concreto armado

Em 26 de agosto de 1933, como parte das comemorações das inúmeras festividades do aniversário de 34 anos de emancipação política do município de Campo Grande, foi inaugurado no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Rua João Pessoa (atual Rua 14 de Julho) o Relógio Público (assim era chamado o Relógio da 14 de Julho originalmente). Consistindo em um misto de monumento com equipamento público utilitário, Paulo Coelho Machado nos conta que o Relógio possuía mais de cinco metros de altura, tendo sido construído pela empresa Manoel Secco Thomé & Irmãos e que a autoria de seu projeto teria ficado a cargo do arquiteto Frederico João Urlass.

O Relógio Público, com seu estilo charmoso *art déco*, acabou por se tornar um importantíssimo ponto de encontro, onde ocorriam manifestações políticas, comemorações cívicas e celebrações religiosas, agregando a população ao seu redor por exatos 37 anos. Nessas ocasiões, o tráfego de veículos era interrompido, para possibilitar maior afluxo de pedestres.





Registro da demolição do Relógio Público (Relógio da 14), em 19 de julho de 1970.
Foto: Roberto Higa. Acervo: ARCA.

Com o desenvolvimento da cidade, e sob pretexto de que o Relógio prejudicava a mobilidade urbana, em especial a de automóveis, alguns grupos pressionaram o poder público, solicitando sua demolição. Até que em 1970, sob a justificativa de ampliação do trânsito, o prefeito Mendes Canale demoliu o Relógio.

Entretanto, passados muitos anos, os campo-grandenses não se esqueceram do antigo Relógio e por vezes críticas agudas à demolição eram trazidas à pauta. Até que, por iniciativa do Rotary Clube, o Relógio foi reconstruído no canteiro central da Avenida Afonso Pena com a Avenida Calógeras, seguindo exatamente as características originais, inclusive com a utilização de algumas peças originais do antigo monumento.



Através de parceria entre poder público municipal, Rotary Clube e Lions Clube de Campo Grande, o novo Relógio foi inaugurado em junho de 2000, como parte das comemorações do centenário de emancipação político-administrativa do município de Campo Grande. Na tentativa de preservar a memória, a reconstrução do Relógio Público foi instituída pela Lei nº 3.544, de 18 de agosto de 1998.



**Canteiro Central da Avenida Afonso Pena
com Avenida Calógeras**

Em 2018, a Prefeitura Municipal de Campo Grande, através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, revitalizou o Monumento. Em 27 de agosto de 2018, foi instituída a Lei nº 6074, que denomina a réplica do Relógio com o nome

de Dr. Renato Barbosa de Rezende, por ter sido o presidente da comissão que reconstruiu o Relógio municipal, além de ter sido pneumologista atuante e um dos sócios fundadores do Hospital do Coração de Mato Grosso do Sul.



Estátua

THEMIS

Autor: Cleir (Cleir Ávila Ferreira Júnior)

Ano: 2002

Material: concreto armado com pintura em esmalte acrílico semibrilho à base de água

Na mitologia grega, Themis foi a deusa guardiã dos juramentos dos homens. Era filha de Urano e Gaia, foi criada pelas Moiras (deusas do destino, tanto dos deuses, quanto dos homens), que a ela ensinaram tudo sobre a ordem cósmica e natural das coisas e a importância de se zelar pelo equilíbrio. Tornou-se esposa e conselheira de Zeus e mãe de Dice, a personificação da justiça na mitologia romana. Assim, converteu-se em

costume invocá-la nos julgamentos perante os magistrados.

Themis era representada empunhando uma balança na mão direita e uma cornucópia na esquerda. Ainda na Grécia Antiga, já é possível ver imagens de Themis sem a cornucópia e já com a presença da espada, simbolizando a força e o poder. Porém, a venda que observamos em seus olhos foi colocada só no século XVI pelos alemães, a fim de conferir à imagem da justiça o caráter de imparcialidade. Posteriormente, surgiu o signo da Tábua de Leis, que reforça a ordem, união, vida e princípios para a sociedade.





O monumento à deusa Themis causou muita controvérsia, quando de sua inauguração, em 21 de fevereiro de 2002, pelas suas formas voluptuosas e por apresentar um dos seios em evidência. Via de regra, a deusa Themis é sempre representada bem austera. O monumento foi inaugurado com as novas instalações do Fórum Heitor de Medeiros, da Comarca de Campo Grande. O monumento conta com cinco metros de altura e foi modelado em argamassa armada pelo artista Cleir, que buscou conferir à estátua traços de uma mulher contemporânea.



Fórum Heitor de Medeiros

Rua da Paz com Rua 25 de Dezembro



Busto

TIA EVA

Autor: Maria de Oliveira (Maria de Oliveira Naves)

Ano: 2003

Material: granito resinado sobre base em concreto

O Busto Tia Eva, em homenagem a Eva Maria de Jesus, popularmente conhecida como Tia Eva, resgata a imagem de uma mulher, matriarca, escrava alforriada e fundadora da Comunidade Remanescente de Quilombo Eva Maria de Jesus, Tia Eva, em Campo Grande.




Igreja de São Benedito

Rua Eva Maria de Jesus

Comunidade Remanescente de Quilombo

Eva Maria de Jesus – Tia Eva

A história da Tia Eva e de sua comunidade se entrelaça com a história da formação da cidade. A história oficial sugere que Eva Maria de Jesus teria partido de sua cidade natal, Mineiros (GO), rumo ao sul do antigo Mato Grosso, juntamente com suas três filhas, desembarcando em Campo Grande no ano de 1905, tendo se instalado na região do Cascudo.



Vista do Busto de Eva Maria de Jesus, na frente da Igreja de São Benedito, na Comunidade Remanescente de Quilombo Eva Maria de Jesus – Tia Eva. Estima-se que o registro tenha se dado aproximadamente em 2013.
Acervo: ARCA

A criação e a implantação da obra têm origem em pesquisa realizada pela artista visual Maria de Oliveira Naves, enquanto acadêmica de curso na área de educação artística. Como não havia registro fotográfico, foram produzidos cerca de 50 retratos falados da Tia Eva. O resultado do trabalho é um busto em pedra granito resinado, inaugurado em 19 de maio de 2003.

Localizado junto ao campanário da Igreja de São Benedito, a Igrejinha, o Busto é mais uma referência na história da Tia Eva. Durante sua viagem, Eva Maria de Jesus teria feito uma promessa a São Benedito, carregando uma imagem em madeira, para a cura de um mal em sua perna. Chegando a Campo Grande, teve sua benção alcançada e teria que erigir uma capela em homenagem ao santo negro filho de escravos.

A construção da capela foi no ano de 1912, feita em taipa. Posteriormente, foi demolida e substituída pela capela em alvenaria de tijolos cerâmicos argamassados, datada do ano de 1919, preservada com essas características até hoje. Anualmente, ocorre a Festa de São Benedito, incorporada como festa tradicional no Calendário Oficial de Campo Grande.

A tradição oral afirma que a construção foi idealizada pela própria Tia Eva e que recebeu o apoio da comunidade em sua construção, não sendo atribuída a um construtor ou arquiteto em específico.



De forma a garantir a preservação do edifício, por meio de instrumento jurídico, a Prefeitura Municipal de Campo Grande publica o tombamento da Igreja de São Benedito, por meio do Decreto Municipal nº 3.523, de 15 de junho de 1996, e o Governo do Estado, por meio da Resolução SECE, de 07 de maio de 1998.

Monumento

CARÁ

Autor: Pedro Guilherme
(Pedro Guilherme Garcia Goes)

Ano: 2004

Material: concreto armado com pintura em esmalte acrílico semibrilho à base de água

A escultura em concreto armado, medindo 6 x 2,5m, representa um cará, peixe de lagoa muito comum em Mato Grosso do Sul. Foi instalada em área urbanizada da Lagoa Itatiaia, integrando o projeto de revitalização do entorno da área, local de lazer. A Lagoa Itatiaia, localizada no Bairro Tiradentes, ocupa 9 hectares e abriga um rico ecossistema, entre plantas e animais.

Colorido, o peixe foi a inspiração para o artista fazer a instalação da escultura, buscando a valorização da região, muito frequentada por moradores locais e turistas, que encontram às suas margens uma pista de caminhada, espaços para convivência e academia de ginástica para a terceira idade.

A obra é orientada por temáticas regionais com ênfase nos peixes locais e na cultura indígena, exercida por meio de diversas formas de expressão. Assim, busca valorizar a região e representar a história da localidade, que era conhecida como Lagoa do Cará, em função dessa espécie de peixe ser abundante na Lagoa em tempos mais remotos. O Monumento também buscou agregar um valor cultural e registro histórico, bem como recuperar a Lagoa e preservar seus recursos naturais.

Durante os períodos de estiagem, o peixe fica exposto como escultura, muito integrado ao ambiente. No entanto, na estação das águas, fica com sua base submersa, dando a impressão que está flutuando sobre as águas da Lagoa, tendo ao fundo o pôr do sol, que ressalta suas cores.

O Monumento Cará foi financiado pelo Fundo Municipal de Investimento Cultural (FMIC) em 2004.



Lagoa Itatiaia

Rua Jorge Luís Anchieta Curado



Monumento

CAVALEIRO GUAICURU

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2004

Material: armação de ferro, tela de aço e massa feita com resina de poliéster com pó de mármore

Os Guaicuru eram índios muito valentes, nômades, caçadores e guerreiros. Habitaram especialmente o estado de Mato Grosso do Sul e a região do Chaco. A palavra guaicuru vem do tupi-guarani e possui tradução depreciativa, significa um sujeito malvado, traidor.

Tornaram-se exímios cavaleiros a partir de fins do século XVI, multiplicando sua capacidade de mobilidade, experimentando grandes alterações culturais. São ancestrais dos Kadiwéu, remanescentes deste tronco étnico que vivem em nosso estado até os dias atuais.

O Monumento ao Cavaleiro Guaicuru está implantado, desde 2004, em uma pequena ilha no interior do Parque das Nações Indígenas, na porção oeste. A escultura foi realizada pelo artesão Anor Mendes e se constitui em uma homenagem aos índios cavaleiros Guaicuru e também à manutenção da memória da bravura desses guerreiros, que por tempos cavalgaram por esses campos que hoje entendemos por Mato Grosso do Sul.



Anor Mendes levou apenas quarenta e cinco dias para produzir a obra. O autor se utilizou da memória que tinha dos livros de história em que os Guaicuru foram eternizados pelo pintor Jean-Baptiste Debret, artista de grande destaque na Missão Artística Francesa trazida ao Brasil em 1816, pelo imperador Dom João VI.

Em seu livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao*

Brasil, publicado entre 1834 e 1839, Debret reúne gravuras que registram cenas brasileiras, dentre elas *Carga da cavalaria Guaicuru* (1822), retratando uma cena em que cavaleiros Guaicurus cavalgam seus cavalos em montaria lateral (forma de montar, característica dos Guaicuru), demonstrando por meio da postura de montaria o quão exímios cavalgadores e aguerridos guerreiros eles eram.



Parque das Nações Indígenas

Entrada Guató

Rua Ivan Fernandes Pereira



Monumento

IRIS EBNER

Autor: Neide Ono (Neide Satsiko Ono)

Ano: 2005

Material: painel em concreto com placas fundidas em alumínio alto relevo

A Alameda Iris Ebner é parte de um projeto urbanístico e paisagístico maior, que engloba o Parque Linear da Avenida Nelly Martins e do Parque do Sóter, elaborado pela arquiteta Jussara Basso, no início dos anos 2000. O espaço foi concebido para ser uma pequena praça, um local para descanso, lazer e contemplação.

Seu nome homenageia a arquiteta e urbanista Iris de Almeida Rezende Ebner, paulista que se radicou em Campo Grande, falecida nos anos 1990. Iris desenvolveu importantes trabalhos de pesquisa histórica sobre nossa cidade, em particular o livro *Vazios Urbanos: uma abordagem do ambiente construído*, de 1997, que foi sua dissertação de mestrado na FAU/USP.

Foi professora e funcionária pública que muito contribuiu para o entendimento das características do crescimento urbano de Campo Grande. Além de arquiteta, urbanista, servidora pública e professora, Íris era também artista visual. Dentre os trabalhos por ela concebidos, há uma série de gravuras em que retrata figuras femininas. Foi a fonte de inspiração para que Neide Ono criasse este Monumento em

homenagem a Íris Ebner.

Localizado na referida Alameda, Ono homenageia a arquiteta. Transforma as gravuras de sua autoria em placas metálicas, como se tentasse conceder eternidade à obra da homenageada, através da transmutação do papel para o metal, material no qual seu desenho ficou gravado em alto relevo e as placas, por fim, chumbadas no concreto. No resultado final da criação de Ono, é possível perceber com bastante nitidez os traços da artista Iris Ebner, que Neide Ono fez questão de destacar de forma ética, sem interferências.



Alameda Arquiteta Iris Ebner

Avenida Nelly Martins com Rua Silex

Monumento

O APRENDIZ

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2005

Material: Armação em ferro e tela de aço com preenchimentos modelados em resina de poliéster com carga mineral (terra, pó de mármore)

O Monumento se reporta à essência da evolução humana e à sociedade maçônica, cuja organização tem como finalidade a fraternidade, a prática da caridade e a busca da verdade. Entretanto, por manter um halo de segredos e exteriorizar certo caráter “oculto”, acaba por resultar em uma vasta rede de boatos e informações equivocadas a seu respeito.

O termo maçom vem do inglês *mason*, que significa pedreiro e, por conseguinte, o maço e o cinzel (ferramentas empunhadas pela figura humana que se autoesculpe). São ferramentas comumente utilizadas nos canteiros de obras medievais e que representam o desbaste necessário da “pedra bruta” para o alcance da evolução constante, o trabalho do aprendiz maçom.



O Aprendiz não se trata de uma obra de conceitualização original, visto que obedece a uma simbologia maçônica já existente. Entretanto, diversos artistas já deram sua versão a esse importante símbolo, e o artesão Anor também concedeu a sua interpretação a esse importante signo, que conota a evolução, o sacrifício, o empenho, a dedicação e a força de vontade; a dor humana de evoluir. O Aprendiz traz escrita a seguinte mensagem: “construa-se a si mesmo”, gravada em sua base.

A escultura encontra-se implantada em uma rotatória que ordena a Avenida Costa e Silva, Avenida Senador Antônio Mendes Canale, Avenida Gury Marques (saída para São Paulo) e Avenida Dr. Olavo Vilella de Andrade, estabelecendo um marco da presença dos maçons em Campo Grande.

Após sofrer ações de vandalismo, a Prefeitura Municipal de Campo Grande, por intermédio da Secretaria de Cultura e Turismo, revitalizou o Monumento, que foi entregue para a população em 10 de maio de 2021. Anor Mendes, escultor responsável pela idealização do Monumento, foi também o responsável pelo restauro.



Rotatória da Avenida Gury Marques
com Avenida Interlagos



MEMORIAL FRANCISCO ANSELMO DE BARROS

Ano: 2006

Material: adesivo e vidro

Em 12 de novembro de 2005, aos 65 anos, o ambientalista Francisco Anselmo de Barros ateou fogo no próprio corpo, em sinal de protesto contra articulações políticas do Governo do estado de Mato Grosso do Sul, para aprovação de um projeto de lei que permitiria a implantação de usinas de álcool e açúcar na Bacia do Alto Paraguai. Até então, tais atividades estavam proibidas no local, por resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

Na ocasião, cerca de 150 pessoas protestavam contra o referido projeto de lei, reunidas no Centro de Campo Grande, mais precisamente na Rua Barão do Rio Branco. Franselmo, como era conhecido, estendeu dois colchonetes em forma de cruz na calçada, ensopou-os com dois galões de gasolina e ateou fogo, por volta das 12h de sábado. Morreu dois dias depois na Santa Casa de Campo Grande, com graves queimaduras em 100% do corpo.

Deixou diversas cartas endereçadas a familiares, colegas ambientalistas e imprensa. Em uma delas escreveu: "Foi difícil tomar essa decisão de sã consciência. A minha vida sempre foi um sacerdócio em defesa da natureza. É a nossa casa e o presente maior de Deus. Se ele deu a vida por

nós, eu estou dando a minha vida por ele, defendendo o futuro dos nossos filhos. [...] Continuem a luta por mim".

Manoel de Barros escreveu uma emocionada mensagem sobre o acontecido. Um trecho dela dizia: "o que o nosso Francelmo fez é mais do que um protesto. Para mim tem o componente maior do heroísmo. Francelmo o último herói do Brasil.



¹³ Disponível em: <<https://midiamax.uol.com.br/midiamais/2019/dia-do-pantanal-a-historia-de-francelmo-ambientalista-que-incendiou-o-proprio-corpo-pelo-pantanal>>. Acesso em: 19 de março de 2022.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?74003/-Dia-do-Pantanal-e-hora-de-lembrarmos-de-Francelmo>>. Acesso em: 19 de março de 2022.

Meus sentimentos Iracema. Seu velho amigo, Manoel de Barros".¹³

Na sequência, fortes pressões impostas pela opinião pública levaram os deputados estaduais a desaprovarem o projeto de lei, em 30 de novembro de 2005. No ano seguinte, o Memorial foi concebido em homenagem a Franselmo, inaugurado em 5 de junho de 2006, Dia do Meio Ambiente, no exato lugar onde ele teria dado sua vida em sacrifício pela causa. No mesmo ano, o dia 12 de novembro foi oficializado como o Dia do Pantanal, pelo Conama, instituição fundada por ele mesmo.

Passados 17 anos da morte de Franselmo, o Pantanal e a Bacia do Alto Paraguai ainda se encontram sob graves ameaças. O Governo brasileiro, por meio do Decreto nº 10.084, de 5 de novembro de 2019, permite não apenas que a cadeia da cana-de-açúcar se instale no Pantanal, mas também na Amazônia.¹⁴



**Calçadão da Rua Barão do Rio Branco,
entre a Rua 13 de Maio e a Rua 14 de Julho**



Esculturas

PRAÇA PANTANEIRA

Autor: Levi Batista do Nascimento

Ano: 2007

Material: concreto armado e ferro, utilizando tinta acrílica e resina

A Praça Pantaneira foi inaugurada em agosto de 2007, como parte das comemorações dos 108 anos de emancipação política e administrativa de Campo Grande, ocupando o jardim da Prefeitura Municipal. Surgiu da ideia de revitalização do espaço ao redor do prédio da Prefeitura, pelo prefeito Nelson Trad Filho, e tomou forma por intermédio da arte do artesão Levi Batista do Nascimento.

Praça Pantaneira **Paço Municipal**

Rua 25 de Dezembro com Rua Barão do Rio Branco

A Praça Pantaneira consiste em um conjunto de esculturas representativas da fauna e flora pantaneira. Constituiu-se em um caso de sucesso enquanto monumento. É um local muito acessado e objeto de grande afetividade da população, principalmente das crianças, que fazem dele um espaço de convivência e de seus registros fotográficos, sejam moradores locais ou turistas.





No ano de 2012, a Praça Pantaneira foi revitalizada, recebendo adequação paisagística, pintura nova nas esculturas dos animais já existentes, e também a instalação de um banco com uma escultura de Manoel de Barros, nosso grande poeta. A partir de então, passou a ser conhecida também como Praça do Poeta, em homenagem a Manoel de Barros.



ESTÁTUA DO PAPA

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2007

Material: ferro, telas de aço, massa de pó de mármore branco com resina cristal

O monumento denota a imagem de Karol Józef Wojtyła, que nasceu em 18 de maio de 1920, em Wadowice, uma pequena localidade no sul da Polônia. Em sua mocidade, foi um artista, dramaturgo, ator e poeta. Nunca se desvencilhou dessa paixão, mesmo com a vida lhe conduzindo para outros caminhos. Em 1º de novembro de 1946, Karol foi ordenado sacerdote e posteriormente se fez doutor em teologia. Tornou-se arcebispo metropolitano de Cracóvia, e mais tarde, em 1967, foi nomeado cardeal. Em 16 de outubro de 1978, foi eleito papa, convertendo-se em Papa João Paulo II.



Praça do Papa

Avenida dos Crisântemos, n. 559



Em 13 de abril de 1981, João Paulo foi baleado enquanto se locomovia entre os fiéis pela Praça de São Pedro, no Vaticano. Atribuiu sua salvação a Nossa Senhora de Fátima. No ano seguinte, o Papa visitou seu algoz na cadeia, a quem ele perdoou e abençoou. João Paulo II faleceu em 02 de abril de 2005, foi beatificado em 1º de maio de 2011 e canonizado em 27 de abril de 2014, passando a ser chamado de São João Paulo II. A Igreja Católica comemora o santo em 22 de outubro.

Ficou conhecido mundialmente como “O Papa Peregrino”, em razão de seu costume de percorrer o mundo em visitas apostólicas oficiais. Visitou o Brasil por quatro vezes, três dessas visitas foram oficiais. A primeira foi em 1980. A segunda visita se deu em 1991, ocasião em que ele esteve em Campo Grande, e a sua última viagem ao Brasil ocorreu em 1997.

A Estátua foi idealizada em homenagem a essa visita do Papa a Campo Grande, que carinhosamente era chamado pelos brasileiros por “João de Deus”. A Estátua foi uma iniciativa do escultor Anor Mendes, tocado pela repercussão causada pela passagem do pontífice em nossa cidade.

O monumento encontra-se implantado no espaço criado para a celebração da missa campal em 17 de outubro de 1991, rezada por João Paulo II. O evento reuniu um público estimado em 100 mil pessoas. Posteriormente, o local onde a missa campal foi celebrada acabou sendo convertido em praça e passou a se chamar Praça do Papa.



Escultura

O BEIJO

Autor: Pedro Guilherme

(Pedro Guilherme Garcia Goes)

Ano: 2008

Material: concreto armado, arame, cimento, argamassa, areia, ferragens e pintura em esmalte acrílico à base de água

O Lago do Amor compõe a reserva ambiental no *Campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Foi inaugurado na década de 1960, abastecido pelas águas dos córregos Cabaça e Bandeira, possui a dimensão de cinco mil metros quadrados de área e 3.50 metros de profundidade. Recebeu esse nome em função do local ser muito procurado por casais românticos, que permaneciam em suas margens para contemplar uma paisagem rica pela fauna e flora típicas da região.

Com o passar dos anos, o Lago teve seu entorno modificado e reurbanizado, passando a configurar um local muito democrático, cuja visita desperta o interesse de um público pertencente

a faixas etárias das mais variadas, procurado para a prática de exercícios físicos, contemplação e lazer dos moradores e turistas.

Para enriquecer o cenário nas proximidades do Lago, foi idealizado pelo artista visual Pedro Guilherme o monumento O Beijo. A obra foi patrocinada pelo Fundo Municipal de Incentivo à Cultura (FMIC) e pelo Governo do estado de Mato Grosso do Sul, sendo inaugurada em 3 de março de 2008, que com o tempo se tornou referência visual do lugar. A escultura tem 14 metros lineares por 4 metros de altura, denota dois peixes carás se beijando, em uma alusão ao histórico de romances vivenciados naquele local.

O monumento passou por uma revitalização em seu entorno, incluindo restauro e repintura. A obra foi executada pelo próprio artista que a concebeu e foi entregue à população em 17 de outubro de 2021.



Rotatória da Avenida Senador Filinto Muler com Avenida Georges Chaia



SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Autor: Missão Franciscana

Ano: 2008

Material: cimento, pó de mármore, ferro, massa corrida e látex externo

A Estátua São Francisco de Assis homenageia o santo que é considerado um dos mais importantes da Igreja Católica e os setenta anos da chegada da Missão Franciscana em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A escultura encontra-se exposta em frente à Igreja e ao Convento que levam o nome do santo, sendo grafado em placa comemorativa, localizada abaixo da estátua do santo patrono da referida paróquia.

Francisco nasceu Giovanni di Pietro di Bernardoni no ano de 1182, na cidade de Assis, Itália. Tornou-se um religioso e ao ser consagrado mudou seu nome, fazendo seus votos. Fundou a Ordem dos Franciscanos, foi canonizado e passou a ser chamado de São Francisco de Assis, o santo protetor dos animais.

Com sua natureza questionadora, Francisco indagava: “Como pode haver tanta injustiça, tanto luxo, ao lado de tanta pobreza?”, concluiu que deveria restaurar a Igreja como instituição, uma vez que ela havia se desviado dos ensinamentos de Cristo e vivia cercada de opulência. Diante disso, decidiu cumprir as escrituras sagradas, passou a viver voltado apenas para o espírito em voto de pobreza. São Francisco morreu em 1226, na sua cidade natal e foi canonizado dois anos depois pelo Papa Gregório IX.

Em 1938, a Missão Franciscana é instalada no então estado de Mato Grosso. Em 12 de dezembro de 1950, é lançada a Pedra Fundamental da Igreja São Francisco de Assis, no terreno de uma chácara situada no Bairro Cascudo, à margem esquerda do Córrego Segredo, edificação esta





projetada pelo Frei Valfrido Stahie. O prefeito de Campo Grande naquele período, Fernando Corrêa da Costa, rebatizou a região como Bairro São Francisco.

O ano de 2008 marca os setenta anos da chegada dessa ordem religiosa na região, sendo grafado o nome do santo em placa comemorativa, que se encontra localizada abaixo da estátua do patrono daquela paróquia.

Em 1938, a Missão Franciscana é instalada no então estado de Mato Grosso. Em 12 de dezembro de 1950, é lançada a Pedra Fundamental da Igreja São Francisco de Assis, no terreno de uma chácara situada no Bairro Cascudo, à margem esquerda do Córrego Segredo, edificação esta projetada pelo Frei Valfrido Stahie. O prefeito de Campo Grande naquele período, Fernando Corrêa da Costa, rebatizou a região como Bairro São Francisco.

O ano de 2008 marca os setenta anos da chegada dessa ordem religiosa na região, sendo grafado o nome o nome do santo em placa comemorativa que se encontra localizada abaixo da estátua do patrono daquela paróquia.

 **Igreja Matriz da Paróquia
São Francisco de Assis**
Rua 14 de Julho, n. 4.213

Monumento

TORII

Autor: Eloisa Vicari Scheid

Ano: 2008

Material: base de alvenaria e chapas metálicas

O Monumento é composto por duas colunas e três vigas, que formam um grande pórtico, com 7,65m de altura e um vão livre de 10,05m, estendendo-se sobre todo o leito carroçável da via. Foi instalado em 2008, em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, nas proximidades da sede da Associação Okinawa de Campo Grande, viabilizado pelo empresário Almir Hirokazu Oshiro, da Distribuidora campo-grandense de automóveis LTDA (DISCAUTOL).

O Monumento foi inspirado no Torii da Rua Galvão Bueno, famoso bairro oriental da Liberdade, em São Paulo (SP).

Traz como conceito um portal de origem xintoísta, que simboliza a transição e a separação entre o universo físico e o sagrado. A atribuição da cor vermelha à obra simboliza na tradição japonesa o poder de afastar doenças. O pórtico fornece a quem o transpõe uma linha tênue que retém as mazelas e permite a sua purificação.

Quanto à sua característica arquitetônica, a instalação denota o estilo oriental, peculiar da arquitetura japonesa. O projeto urbanístico inicial era composto por 14 luminárias japonesas decorativas, do tipo *chouchin*, que seriam instaladas ao longo do trajeto da Rua dos Barbosas, entre a Rua João Rosa Pires e a Rua Pimenta Bueno. O Monumento também busca homenagear o Comendador Oshiro Takemori, pelo seu empreendedorismo e sua importância para a comunidade okinawana.



Rua dos Barbosas com a Rua João Rosa Pires

MONUMENTO AO SOBÁ

Autor: Cleir (Cleir Ávila Ferreira Júnior)

Ano: 2009

Material: modelagem em ferro, concreto (vermiculite, cimento, areia e vedacite) e argamassa (areia, cimento e cal), esmalte acrílico semibrilho à base de água



Feira Central

Rua 14 de Julho, n. 3.351

Dentre as inúmeras obras que Cleir realizou em Campo Grande, destaca-se o Monumento ao Sobá. A relevância dessa obra de arte deve-se ao fato de o prato típico, o sobá, ser patrimônio imaterial campo-grandense. O sobá de Campo Grande sofreu adaptações a partir da receita original trazida pelos imigrantes okinawanos e adquiriu o status de bem cultural de natureza imaterial, por meio do registro pela Deliberação CMC nº 01/2006, de 08 de agosto de 2006, compondo o patrimônio imaterial de Campo Grande.





O artista apresentou o projeto em parceria com Celso Arakaki, que ajudou na idealização e autoria do desenho. Em 2009, foi inaugurada a obra Monumento ao Sobá, localizada na entrada principal da Feira Central de Campo Grande. Além da beleza da escultura, o projeto do monumento apresenta duas funções raramente apresentadas ao grande público: as funções de escoar água pelo macarrão e de expelir vapor da cumbuca.

O sobá é um exemplo da pluralidade cultural campo-grandense, pois evidencia a tradição okinawana e japonesa, destacando a essencial presença dessa colônia na construção e desenvolvimento de Campo Grande. Os imigrantes japoneses e okinawanos que trabalharam na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), chegando ao território com os trilhos da estrada de ferro, são oriundos, em sua maioria, da ilha de Okinawa, sul do Japão. Assim, destacam-se elementos culturais, a exemplo da dança, arte de origami, ikebana, além da riqueza culinária, o sobá de Okinawa.

Escultura

ÍNDIA TERENA

Autor: Indiana Marques

Executor: Anor
(Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2012

Material: armação de ferro, resina de poliéster com areia, tinta automotiva



O monumento foi idealizado com o objetivo de homenagear a feira indígena (implantada na Praça Oshiro Takemori) e as mulheres indígenas Terena que lá trabalham e compartilham com todos os campo-grandenses sua cultura, sua produção artesanal e os produtos alimentícios peculiares que comercializam. A feira tem sua origem em 12 de abril de 1993, quando a Câmara de Vereadores promulgou uma lei que autorizava o Executivo municipal a criar, organizar e manter em funcionamento, na Praça Oshiro Takemori, a Feira do Índio, tendo como objetivo a comercialização pela comunidade indígena dos produtos primários e artesanais. No entanto, com o passar do tempo, a comunidade passou a chamar de Praça das Índias.

No espaço público, onde em 1993 seria criada a feira e que no ano de 2012 viria a ser inaugurado o monumento, era conhecido por Largo da Feira, até que em 6 de outubro de 1959 tornou-se Praça João Pedro de Souza. O nome de Praça Comendador Oshiro Takemori só foi concedido em homenagem à Colônia Japonesa em 13 de agosto de 1974.

A Escultura Índia Terena retrata uma boneca de etnia indígena muito semelhante às bonecas produzidas por Indiana Marques, consagrada artesã local, que criou uma série de bonecas em cerâmica conhecida por “bugras”. Com um estilo próprio e inconfundível, sua obra conquistou um mercado crescente em vários estados brasileiros e em outros países, como Itália e Portugal. Indiana, então, convidou o artesão Anor Mendes para que fizesse uma dessas bonecas, em tamanho monumental, para compor a ambiência do Mercado Municipal e da Praça.



Mercado Municipal Antônio Valente
Estacionamento próximo à
Praça Comendador Oshiro Takemori



Escultura

NINHAL

Autor: Neide Ono (Neide Satsiko Ono)

Ano: 2012

Material: concreto, argamassa e revestimento em granito para a construção dos blocos. As hastes com os 9 pássaros foram feitas de ferro, aço de construção e fundação de alumínio

Ninhal é o nome que se dá a um local onde os pássaros encontram condições satisfatórias para a construção de seus ninhos, com oferta de alimentos, água e segurança, para suprir as necessidades de sua cria. Consequentemente, esse local é cheio de ninhos e, em função disso, também é chamado de ninhal uma revoada de pássaros. Assim, os ninhais são um espetáculo coreografado pela natureza, estrelado pelos pássaros e exibido magistralmente no Pantanal.

Manoel de Barros sabiamente em sua obra revela frases como: “Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso”. Ou “a voz de um passarinho me recita”. Tais ditos demonstram o fascínio e a inspiração que os pássaros exerceram em sua vida e em sua obra.

O monumento foi idealizado por Iracema Sampaio, executado por Neide Onno e patrocinado pelo empresário Ueze Elias Zahran. Foi inaugurado em 25 de fevereiro de 2008, para homenagear o poeta maior dos sul-mato-

grossenses, Manoel de Barros. A escultura de 1,70m por 1,70m encontra-se localizada na extremidade leste da Avenida Afonso Pena, onde inicia a Avenida do Poeta, com seus 3,7 km de extensão, em direção à entrada do Parque dos Poderes.

Nessa obra, a artista visual Neide Ono, com seu vasto domínio técnico, explorou com muita sensibilidade a leveza e a abundância da nossa fauna e flora, matéria-prima das poesias do homenageado. A força e o peso dos materiais utilizados contrastam com a sutileza dos pássaros metálicos, que se elevam em revoada em torno do ninho representado por um pesado bloco de granito.



Croqui elaborado pela artista Neide Ono, para a concepção do monumento.
Acervo: GEPAC/SECTUR.



**Rotatória da Avenida Afonso Pena
com Avenida do Poeta**

Monumento

RELÓGIO DAS FLORES

Ano: 2012

Um relógio floral é um grande relógio decorativo cujo mostrador se constitui em um jardim. Geralmente, são montados em parques ou em outras áreas livres de recreação pública. O primeiro relógio floral foi idealizado por John McHattie e pelo relojoeiro James Ritchie, sendo implantado pela primeira vez na primavera de 1903, nos Jardins do Princes Street, na cidade de Edimburgo (Escócia).



Cruzamento da Avenida Duque de Caxias com Avenida Lúdio Martins Coelho

O Relógio das Flores de Campo Grande é um relógio floral de aproximadamente três metros de diâmetro, composto por pedras, flores multicoloridas de diversas espécies (cambará, lambari roxo, ixora, entre outras). O grande Relógio foi projetado para marcar o início do Parque Linear Lagoa e valorizar a paisagem vista aos que passam pela Avenida Lúdio Martins Coelho.

Atualmente, o Relógio das Flores está inativo após atos de vandalismo terem danificado tanto a estrutura de seu mecanismo quanto as flores que ornamentavam seu mostrador de horas.



Bustos

MARÇAL DE SOUZA E MARTA GUARANI

Autor: Paulo Rubens Parlagreco

Ano: 2014

Material: bronze sobre base em concreto

Após dois anos da finalização da obra, como parte das comemorações da Semana Estadual dos Povos Indígenas, foram entregues para a população da capital sul-mato-grossense os Bustos das lideranças indígenas Marçal de Souza e Marta da Silva Vito.

Nascido em 1920, Marçal de Souza, o Tupã Y (pequeno Deus), consagrou-se internacionalmente por suas lutas em favor do povo Guarani e pelo reconhecimento dos territórios ancestrais dos indígenas. Foi ele quem criou o movimento indígena brasileiro e fundou a União das Nações Indígenas. Marçal foi assassinado com cinco tiros à queima-roupa em sua casa, na aldeia Campestre, por dois fazendeiros que ocupavam terras locais, em 25 de novembro de 1983. Ninguém foi punido pelo crime.

Em discurso histórico ao Papa João Paulo II, em 1980, Tupã Y denunciou: "Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, os nossos territórios são invadidos. Dizem que o Brasil foi descoberto. O Brasil não foi descoberto não, o Brasil foi invadido e tomado dos indígenas do Brasil. Essa é a verdadeira história".



Marta da Silva Vito (Marta Guarani) nasceu em 29 de julho de 1942, na aldeia Jaguapiru, no município de Dourados (MS). Aos 33 anos, mudou-se para Campo Grande e, com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, militou pela causa indígena no novo estado. Conseguiu feitos importantes, como a criação da Delegacia Regional da Funai em Amambaí (MS) e a fundação da Associação Kaguatega, responsável pela unificação das nações Kadiwéu, Guarani, Terena e Kaiuá. Faleceu de problemas cardíacos, em 6 de setembro de 2003, aos 61 anos de idade.

Ambos, expressivos defensores da causa indígena, foram homenageados com os Bustos, esculpidos pelo artista Paulo Rubens Parlagreco e inaugurados em 26 de abril de 2016. Encontram-se expostos logo na Entrada Kadiwéu do Parque das Nações Indígenas, acessível pela Rua Antônio Maria Coelho.



Parque das Nações Indígenas
Entrada Kadiwéu

Rua Antônio Maria Coelho



Monumento

A ARTESÃ

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2014

Material: argamassa feita de resina com areia, armação em ferro e pintura automotiva

 **Praça dos Imigrantes**
Rua Rui Barbosa, n. 65

A Praça dos Imigrantes, que já se chamou Praça Costa Marques, foi palco de muitos eventos ao longo da história de Campo Grande. O espaço público leva esse nome em homenagem a todos aqueles que, provenientes de outros países e regiões do Brasil, aqui chegaram e contribuíram para formar o tecido social que compõe nossa cidade.



O espaço urbano se consolidou como ponto de exposição e comércio de artesanatos, atraindo turistas e locais pela qualidade e diversidade dos artesãos que ali colocam sua arte, a mais antiga das formas da habilidade humana de expressão cultural.

A história nos conta que o artesanato surgiu na Pré-História, mais precisamente no Período Neolítico (6000 a.C.). Foi desenvolvido para suprir a necessidade humana de objetos utilitários de uso comum para sua sobrevivência. O artesanato proporcionou uma grande evolução das habilidades humanas, com ele o ser humano aprendeu a polir pedra, fabricar cerâmica, tecer fibras animais e vegetais. E daí em diante não parou mais de criar e aprimorar suas habilidades manuais e criativas.

A Artesã foi criada pelo escultor Anor Mendes e auxiliado pelo artista Paulo Prado. Para compor a escultura, Anor inspirou-se na fisionomia de sua esposa. O Monumento representa uma mãe ensinando para sua filha a arte do artesanato, uma consagração da tradição que se perpetua há gerações e que assim continuará por outras tantas, sem que nunca seja extinta.



Monumento

GUAMPA DE TERERÉ

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2014

Material: armação de ferro, chapa de ferro cromado e massa de resina com areia

O Monumento foi instalado às margens da Avenida Duque de Caxias, próximo ao Aeroporto Internacional de Campo Grande, em 27 de dezembro de 2014. Construído em aproximadamente um mês e pesando aproximadamente 300 quilos, foi idealizado e executado por Anor, para homenagear uma das maiores tradições do povo sul-mato-grossense, o tereré.



Via Morena

Avenida Duque de Caxias

Próximo do Aeroporto Internacional de Campo Grande



A bebida é feita da infusão da erva-mate triturada. O tereré é servido com água fria, na guampa (um recipiente que se assemelha a um copo de um chifre bovino), e tomado por sucção, em uma espécie de canudo metálico que coa a bebida (a bomba). Embora, muitas vezes, seja confundido com o chimarrão, difere principalmente pela temperatura em que é ingerido.

O tereré, para além de uma bebida, tornou-se um patrimônio cultural imaterial de Mato Grosso do Sul, tendo sido registrado por meio do Decreto Estadual nº 13.140, 31, de março de 2006. Além do preparo, existe todo um rito estabelecido, consolidado e em geral comum nas ditas “rodas de tereré”, em que famílias e amigos se reúnem para compartilhar e consumir a bebida enquanto conversam e socializam.

Essa marca cultural sul-mato-grossense foi materializada na escultura de Anor, erigida na avenida que liga o Aeroporto Internacional de Campo Grande à região central da cidade, como que recebendo os turistas para a tradicional roda de tereré e uma boa prosa, denotando a receptividade do campo-grandense.



Escultura

MANOEL DE BARROS

Autor: Ique (Victor Henrique Woitschach)

Ano: 2017

Material: bronze

Assentada sob uma frondosa figueira centenária, na esquina da Avenida Afonso Pena e Rua Rui Barbosa, desde 2017, a estátua do poeta maior de Mato Grosso do Sul, Manoel de Barros, eterniza o momento do sorriso largo e a simplicidade do acolhimento em um sofá. Essas são marcas de quem escreveu o seu estado com a poesia, como ele próprio definia “vanguardismo primitivo”, usando neologismos como ferramenta para descrever a natureza e a beleza do Pantanal.

 **Canteiro Central da Avenida Afonso Pena com Rua Rui Barbosa**

A estátua de Manoel de Barros parece convidar os transeuntes a se sentar junto a ele, em seu sofá, para dialogar com a poesia.

O autor Victor Henrique Woitschach, conhecido como Ique, procurou retratar o momento de descontração do poeta, no sofá onde recebia os amigos e engendrava as palavras, com uma escultura de 1,38 metros e pesando 400 quilos, toda em bronze. A instalação conta ainda com QRCode, com informações sobre o homenageado e a obra.

Manoel de Barros está no seu ambiente, a natureza e a cidade. Como seu menino que carregava água na peneira, está eternizado na sua casa de alicerces sobre os orvalhos.





MEMORIAL IMIGRANTE JOÃO FIGUEIREDO

Autor: Rodrigo Gameiro

Ano: 2017

Material: Chapa metálica e concreto armado

Trata-se de um monumento espontâneo. Foi concebido em homenagem ao imigrante português João Figueiredo. Inaugurado no dia em que seria seu 110º aniversário - 3 de agosto de 2017. O projeto foi concebido pelo arquiteto e urbanista Rodrigo Gameiro e a execução do monumento foi custeada mediante recursos da família do homenageado. Assim, o Memorial foi implantado na praça que recebera o nome do homenageado no ano de 2013.

João Figueiredo foi um imigrante português, nascido em 1907, na Vila de Mortágua, distrito de Viseu, província de Beira Alta, Portugal. Chegou ao Brasil em 1922, morou um tempo no Rio de Janeiro, depois em São Paulo, e em 1961 mudou-se com a esposa, Célia, e os filhos, Beatriz, Ester e João, para Campo Grande. Assim, como muitos imigrantes de diversas nacionalidades, forneceu sua cota de suor, sonho e esperança para a construção de nossa história, utilizando-se sempre de sua guitarra portuguesa para aliviar as saudades de sua terra natal.



O Monumento possui um caráter memorialístico e sua concepção é pictográfica. No primeiro plano, apresenta um conjunto composto por um pedestal em concreto armado, que ostenta uma escultura recortada em chapa metálica com elementos vazados. A escultura traz a conotação formal de uma cruz portuguesa, que em seu centro traz o cerne do escudo português e sustenta em seu ápice uma guitarra portuguesa, evocando a paixão do homenageado por sua terra natal.

Logo atrás da escultura, em um segundo plano, temos uma placa de concreto gravada em baixo relevo, cujas inscrições lembram antigos pictogramas. As inscrições se encontram dispostas em faixas horizontais. Os desenhos revelam, inicialmente, rente ao chão, faixas cujos desenhos remetem à forma de arames farpados, que resgatam do passado do homenageado as duas grandes guerras mundiais que sua vida atravessou. Logo acima, uma nova sequência de desenhos reproduz os padrões desenhados nas calçadas de Copacabana, lembrando os anos em que Figueiredo viveu no Rio de Janeiro. Em uma outra sequência, logo acima, os desenhos revelam o clássico padrão gráfico criado em 1966 pela arquiteta e artista Mirthes dos Santos Pinto, que consiste em uma série de mapas geometrizados do estado de São Paulo. Esse trecho remete ao período em que o homenageado viveu em São Paulo.



Praça João Figueiredo

entre a Rua José Maria Hugo Rodrigues
e a Rua Cora Coralina

E, por fim, uma paisagem de planície com uma revoada de pássaros, dentre os quais se destacam tuiuiús, muito característicos de nossa região, com a inscrição “Praça João Figueiredo”. Essa última parte é claramente inspirada pelos anos que viveu em Campo Grande até sua morte.



MEMORIAL FERROVIÁRIO

Autor: Prefeitura Municipal de Campo Grande

Ano: 2018

Material: metálico

Dentro do projeto de requalificação da Orla Ferroviária, a Praça José Marcos da Fonseca abriga o monumento de uma Maria Fumaça, que foi construído em homenagem à Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB). A chegada da estrada de ferro foi fundamental para o desenvolvimento de todo o estado de Mato Grosso do Sul e se constituiu no primeiro grande impulso de crescimento registrado na história de Campo Grande.

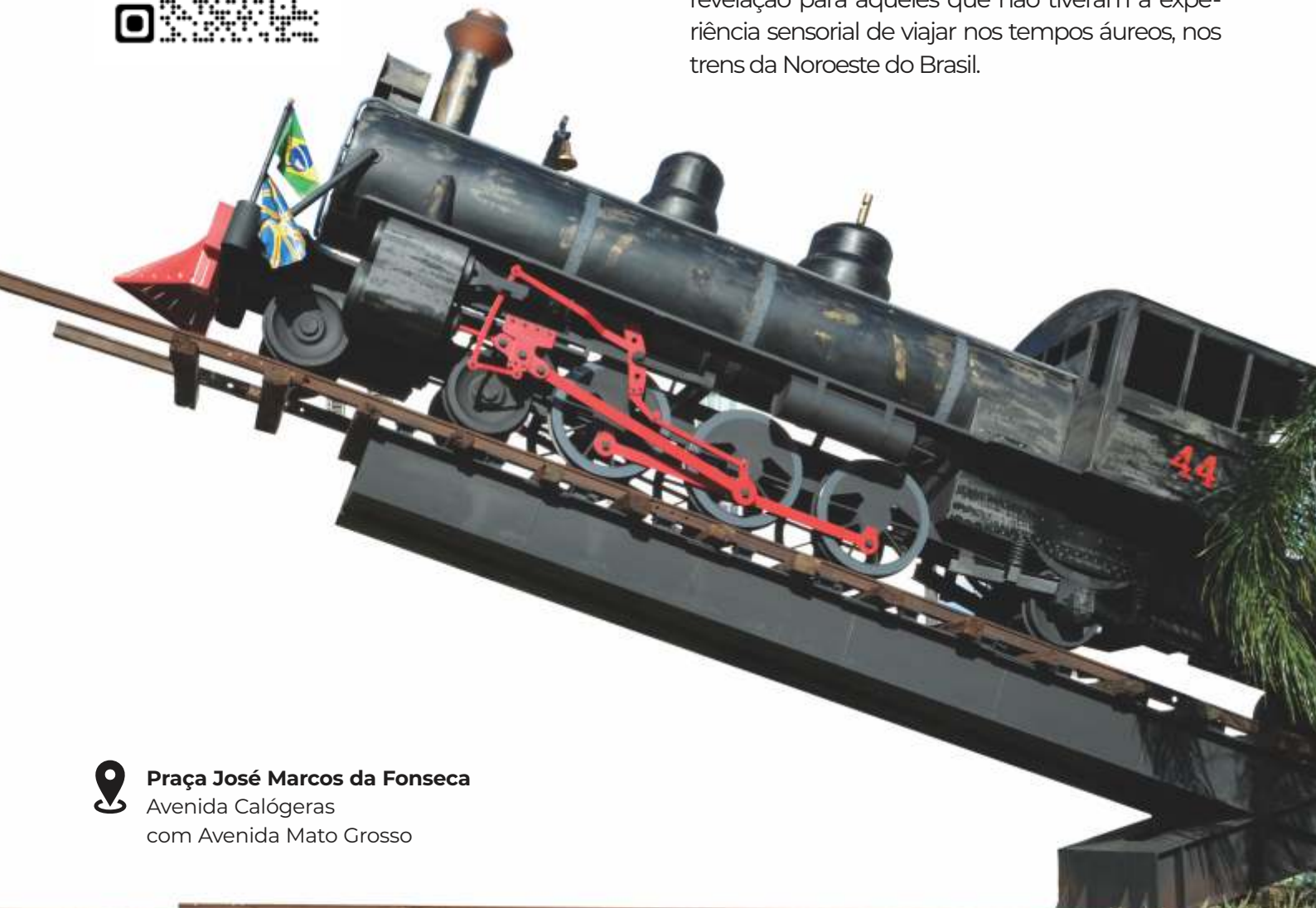
A escultura da locomotiva, com aproximadamente 20 toneladas, 5 metros de altura e 20 de comprimento, teve como parceira a iniciativa privada na sua execução, tendo apenas o sino da máquina original.

A réplica fica suspensa em um balanço, dando a impressão de que está alçando voo. Uma alusão ao progresso gerado pela presença da NOB na região Centro-Oeste e principalmente na cidade de Campo Grande, uma capital que segue para um próspero futuro sem esquecer suas origens. Na sua base, um totem com QRCode traz mais informações sobre o monumento e a Ferrovia.





Muito visitado por turistas e locais, o Memorial Ferroviário é um espaço que estimula lembranças naqueles que tiveram a oportunidade e a experiência de se locomover utilizando-se desse meio de transporte. Também, é uma grata revelação para aqueles que não tiveram a experiência sensorial de viajar nos tempos áureos, nos trens da Noroeste do Brasil.



Praça José Marcos da Fonseca
Avenida Calógeras
com Avenida Mato Grosso

MEMORIAL RELÓGIO DA 14 🕒

Autor: Caju (Cesar da Silva Fernandes)

Ano: 2019

Material: perfis metálicos

Em 26 de agosto de 1933, como parte das comemorações das inúmeras festividades do aniversário de 34 anos de emancipação política do município de Campo Grande, foi inaugurado, no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Rua João Pessoa (atual Rua 14 de Julho), o Relógio Público (assim era chamado o Relógio da 14 de Julho originalmente). Consistindo em um misto de monumento com equipamento público utilitário, Paulo Coelho Machado nos conta que o Relógio possuía mais de cinco metros de altura, tendo sido construído pela empresa Manoel Secco Thomé & Irmãos e que a autoria de seu projeto teria ficado a cargo do arquiteto Frederico João Urlass.

O Relógio Público, com seu estilo charmoso *art déco*, acabou por se tornar um importantíssimo ponto de encontro, onde ocorriam manifestações políticas, comemorações cívicas e celebrações religiosas, agregando a população ao seu redor, por exatos 37 anos. Nessas ocasiões, o tráfego de veículos era interrompido para possibilitar maior afluxo de pedestres.

Com o desenvolvimento da cidade, e sob pretexto de que o Relógio prejudicava a mobilidade urbana, em especial a de automóveis, alguns grupos pressiona-

📍 **Cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de Julho**

¹⁵ Este texto pode ser encontrado em outros momentos, por razões didáticas.



ram o poder público, solicitando sua demolição. Até que em 1970, sob a justificativa de ampliação do trânsito, o prefeito Mendes Canale demoliu o Relógio.

Entretanto, passados muitos anos, os campo-grandenses não se esqueceram do antigo Relógio e por vezes críticas agudas à demolição eram trazidas à pauta. Até que, por iniciativa do Rotary Clube, o Relógio foi reconstruído no canteiro central da Avenida Afonso Pena com a Avenida Calógeras, seguindo exatamente as características originais, inclusive com a utilização de algumas peças originais do antigo monumento.¹⁵

Quando em 2010 foi aprovado o Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande, ficou determinado que o projeto piloto seria a Revitalização da Rua 14 de Julho. Ocorreu que, durante a elaboração do projeto, surgiu a ideia de se construir um memorial ao Relógio da 14, no exato local do antigo relógio que fora demolido em 1970. Segundo a concepção original, elaborada pelo arquiteto e urbanista Cesar da Silva Fernandes, o Cajú, o monumento seria uma estrutura memorialística, sem a função de se tornar um novo relógio. A estrutura teria 12 metros de altura e seria constituída apenas por arestas metálicas, resultando em uma estrutura vazada composta por arestas e luz que remeteriam ao desenho do antigo relógio, para que ao mesmo tempo lembrasse seu volume e registrasse sua ausência.

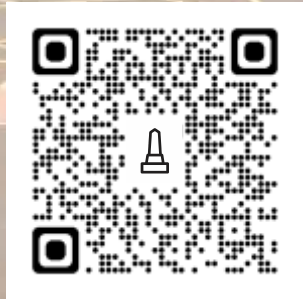
Durante as obras da Revitalização da Rua 14 de Julho, muitos populares, comerciantes e moradores do entorno questionavam e pediam ao prefeito a volta do relógio. Para atender aos pedidos, solicitou ao corpo técnico da Prefeitura que fizesse

uma readequação no projeto original. Assim, foram instalados painéis de LED no lugar correspondente aos mostradores do relógio, transformando a estrutura original, concebida com finalidade essencialmente memorial, em um novo relógio central.

Em 2019, durante a execução das obras de revitalização da Rua 14 de Julho, foi encontrada uma peça de concreto, medindo 4,00m x 4,00m x 1,00m, enterrada aproximadamente a 2,00m de profundidade. Após estudos, conclui-se que se tratava da fundação do antigo Relógio. Essa fundação se tornou a base para o referido memorial.



Relógio da Rua 14 de Julho, localizado na confluência com a Avenida Afonso Pena. Festa de Nossa Senhora da Abadia, celebrada pelo Arcebispo Dom Orlando Chaves, em 15 de agosto de 1949. Acervo: ARCA.



Monumento

CULTURA PARAGUAIA

Autor: Anor (Anor Pereira Mendes Filho)

Ano: 2021

Material: resina, metal e tinta automotiva

A Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande, tradicional Casa Paraguaia, é uma entidade cultural, social e filantrópica, sem fins lucrativos. Foi inaugurada em 14 de janeiro de 1973, representa mais de 80 mil migrantes e descendentes paraguaios que residem na capital.

Em 2018, com recursos da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul (FCMS), a entidade promoveu a revitalização e reforma de sua sede e contou com uma ampliação do espaço para melhor atender os usuários. Nessa ocasião, o Sr. César Sanches, conselheiro fiscal da instituição, teve a ideia de instalar uma obra de arte que valorizasse a sede, uma escultura que representasse a cultura do povo paraguaio e de seus descendentes.

Assim, nasceu o Monumento Cultura Paraguaia. A obra é composta por símbolos da cultura paraguaia: violão, harpa e guampa. Encravados em base pétrea, o conjunto é envolvido por uma faixa arrematada por uma roseta, ambas nas cores da bandeira paraguaia, tudo em escala aumentada. O Monumento está localizado nos jardins da sede da Casa Paraguaia, tendo sido produzido pelo artista Anor. Foi inaugurado conjuntamente com as obras de revitalização da sede da Associação, em 16 de agosto de 2021.



Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande
Rua Ana Luíza de Souza, n. 668

Busto

ARY COELHO DE OLIVEIRA

Autor: Luiz Ferrer (Luiz Ferrer de Moraes)

Material: cobre sobre base em concreto

Formado em medicina, Dr. Ary Coelho de Oliveira nasceu em Paranaíba (MS), em 10 de fevereiro de 1910. Eleito pelo Partido Social Democrático, Ary Coelho assumiu a Prefeitura de Campo Grande em 31 de janeiro de 1951, cargo que exercia quando foi assassinado em Cuiabá, em 21 de novembro de 1952, crime que causou grande comoção na cidade. Dois anos depois, a Praça da Independência recebeu o nome de Praça Ary Coelho em homenagem ao prefeito. Na placa do monumento consta a mensagem: “Por um regime de responsabilidade, honestidade e trabalho”.¹⁶



Registro da instalação do Busto de Ary Coelho. Da esquerda para a direita do leitor, o escultor Luiz Ferrer e o popular Ferramenta, conhecido zelador da Praça Esportiva Belmar Fidalgo. Acervo: Pedro Ferrer.

¹⁶ Este texto pode ser encontrado em outros momentos, por razões didáticas.



Paço Municipal

Avenida Afonso Pena, n. 3.297



Busto

DR. FERNANDO CORREA DA COSTA

Material: bronze sobre base em concreto e revestimento em pedra

O Busto do Dr. Fernando Correa da Costa homenageia o homem, o médico e o político que ele foi. Fernando Correa nasceu em Cuiabá (MT), em 29 de agosto de 1903. Formou-se na Faculdade de Medicina em 1926 e se mudou no ano seguinte para Campo Grande, para exercer sua profissão. Adquirida sua fama como cirurgião, ingressou na União Democrática Nacional (UDN), candidatou-se e venceu as eleições para prefeito de Campo Grande em 1947. Em sua gestão, foi construída a Escola Estadual Maria Constança Barros Machado, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, local onde atualmente o Busto feito em sua homenagem encontra-se exposto.

Elegeram-se governador do estado de Mato Grosso por duas gestões, em 1950 e em 1961. Foi também senador da República pelo estado do Mato Grosso por duas legislaturas, de 1959 a 1961 (renunciando em 1961, para assumir a gestão do Governo do estado de Mato Grosso) e de 1967 a 1975.

Foi diretor do Hospital de Campo Grande e dedicou-se também à docência, atuando como professor da Faculdade Mato-Grossense de Odontologia e Farmácia de Campo Grande, instituição que deu origem à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O Dr. Fernando Correa faleceu em 12 de dezembro de 1987, deixando o legado do médico reconhecidíssimo e do homem absolutamente dedicado à população, dotado de preocupação social e humanitária.



**Escola Estadual Maria Constança
de Barros Machado**

Rua Marechal Candido Mariano
Rondon, n. 451

Busto

HARRY AMORIM COSTA

Material: bronze

O edifício de oito andares localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, no Centro de Campo Grande, nasceu como Edifício das Repartições Públicas Estaduais (Erpe). Servia como um local para atender os habitantes do sul do então Mato Grosso uno, que já há muito reivindicavam o acesso aos serviços públicos sem ter que recorrer à capital do estado, Cuiabá.

Com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, o Erpe tornou-se sede do Governo, tendo como primeiro governador nomeado o engenheiro Harry Amorim Costa. Com a construção do Parque dos Poderes e a transferência dos gabinetes, o prédio tornou-se o Fórum até 2001. Até 2006, ficou inativo, quando após uma reforma tornou-se o Memorial da Cultura e Cidadania Apolônio de Carvalho.

O Busto de Harry Amorim Costa é uma homenagem ao primeiro governador do novo estado.



**Edifício Apolônio de Carvalho
sede da Fundação de Cultura
de Mato Grosso do Sul**

Avenida Fernando Correa da Costa, n. 559

MONUMENTO DA FEB

Material: concreto

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi instituída em 09 de agosto de 1943, antecedendo a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial para lutar junto aos aliados e contra os países totalitários do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Contando com 25.334 brasileiros, os expedicionários passaram a ser tratados por “pracinhas”.¹⁷ Originários de todas as partes do Brasil, oriundos de todas as classes sociais, credos, etnias e gêneros, foram enviados em campanha para a Itália, entre os anos de 1944 e 1945. A FEB contou com a participação de 74 mulheres atuando como enfermeiras.

Desembarcando na Itália, em 16 de julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira permaneceu lá por pouco mais de um ano, combatendo por 239 dias em nome do Brasil. A Guerra deixou um saldo de 454 soldados mortos.

Coube ao sul de Mato Grosso o envio, a terras italianas, do 9º Batalhão de Engenharia (9º BE) de Aquidauana, atualmente denominado 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BECmb), e do Batalhão Coronel Carlos Camisão, ambos sob o comando do Coronel José Machado Lopes, com 679 militares. Os soldados foram os primeiros brasileiros a entrarem em ação em todas as operações e combates.

Instalado na Praça Newton Cavalcante, o Monumento alusivo à Força Expedicionária Brasileira existente naquele local é também conhecido como A Cruz. Em 2006, os veteranos da FEB solicitaram projeto de recuperação da Praça e do Monumento. Ambos foram revitalizados, mantendo e perpetuando a história e homenagem aos veteranos.



Praça Newton Cavalcante

Avenida Afonso Pena com Avenida Duque de Caxias

¹⁷ O termo “pracinha” surgiu da expressão “sentar praça”, que significa alistar-se nas Forças Armadas. O apelido era atribuído aos soldados rasos, detentores da patente mais baixa da hierarquia militar.

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/por-que-os-soldados-brasileiros-enviados-para-a-2-guerra-mundial-eram-chamados-de-pracinhas/>> . Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

MARCO TOTENS ALUSIVOS AO ROTARY CLUBE E LIONS CLUBE

Material: concreto

Os marcos do Rotary e do Lions se constituem em uma identificação da presença desses clubes na região ou cidade onde estão instalados. Possuem um caráter informativo aos seus associados de outras localidades, e também divulgam a imagem pública da instituição.

O Lions é uma organização internacional fundada nos Estados Unidos, em 1917. Chegou ao Brasil em 1952, e a Campo Grande chegou em 1968. A organização é constituída de clubes de serviços, com objetivo de atender a causas humanitárias e promover trabalhos voltados a comunidades locais. Sua marca é uma insígnia nas cores roxo e dourado, contendo a letra “L” (inicial de Lions) no centro de uma área circular guarnecida pela figura de duas cabeças de leão em perfil. Cada um voltado para um dos lados, simbolicamente um olha para o passado enquanto o outro vislumbra o futuro. No centro do totem, a palavra “Lions” aparece na parte superior e “International” aparece na parte inferior. O símbolo do Lions foi aprovado em 12 de abril de 1920 e persiste até os dias de hoje.

O Rotary Club também é uma associação de clubes de serviços internacionais, cujo objetivo é servir a causas humanitárias, promover valores éticos e a paz a nível internacional. Foi fundado na cidade de Chicago (EUA) no ano de 1905. Chegou ao Brasil em 1924, e a Campo Grande chegou em 1939. Seu símbolo é chamado de “roda rotária”,





simboliza a universalidade do Rotary e é representado por uma engrenagem com aro dentado. Os 24 dentes simbolizam as 24 horas diárias, que cada rotário tem para desfrutar e viver o ideal de servir, ligando-se ao eixo central por seis raios. Cada um deles possui um significado: 1) instituição, 2) família, 3) ação, 4) profissão, 5) amizade e 6) religião. No centro do totem, a palavra “Rotary” aparece na parte superior e “International” na parte inferior.



MARCO TOTEM DE INAUGURAÇÃO DE OBRAS GOVERNAMENTAIS

Instalados em pontos estratégicos da cidade, os totens remetem à conclusão de obras do Executivo estadual. Assim, personalizando os governos Marcelo Miranda (1979-1980 e 1987-1991), Pedro Pedrossian (1980-1983 e 1991-1994), Wilson Barbosa Martins (1983-1986 e 1995-1998), Ramez Tebet (1986-1987), Zeca do PT (1999-2002 e 2003-2006), André Puccinelli (2007-2010 e 2011-2014) e Reinaldo Azambuja (2015-2018 e 2019-2022).

Devido à falta de identificação desses totens, alguns já foram confundidos com monumen-

tos, já que, por apresentarem uma estética diferenciada, fogem do padrão encontrado atualmente, em que placas são afixadas em blocos monolíticos para marcar a inauguração de obras. Exemplo disso é o totem localizado na Avenida Afonso Pena, que se encontra atualmente sem placa de identificação. Este chegou a ser confundido com um monumento artístico, sendo chamado erroneamente de Monumento MS, quando na verdade se trata de um totem que referencia obra realizada durante o primeiro Governo de Wilson Barbosa Martins.





BIOGRAFIAS

Rodolfo Bernadelli

(José Maria Oscar Rodolpho Bernardelli y Thierry)

Foi escultor e professor, nascido em Guadalajara (México), em 1852. Chegou ao Brasil por volta de 1866, a convite do imperador Dom Pedro II. Seus pais foram preceptores das princesas Isabel e Leopoldina, razão pela qual sua família se fixou no Rio de Janeiro. Construiu uma formação artística elaborada, estudando com grandes mestres da escultura. No Brasil, estudou com Chaves Pinheiro na Academia Imperial de Belas Artes; na Itália, com Achille d'Orsi e Giulio Monteverde. Quando regressou da Itália, o escultor alcançou uma posição bastante destacada no círculo republicano, chegando a assumir o cargo máximo da principal instituição de arte do Brasil, a Escola Nacional de Belas Artes.

Rodolfo Bernardelli participou de inúmeras exposições nacionais e internacionais, recebendo diversos prêmios. No que tange à sua produção artística, é importante destacar que foi na criação de bustos que o artista alcançou pleno domínio conceitual e técnico. Bernardelli faleceu em 1932, deixando como legado uma vasta produção artística, de alta qualidade, que inclui inúmeros bustos de personalidades públicas, obras tumulares e diversos monumentos comemorativos, realizados principalmente para a cidade do Rio de Janeiro (RJ), como os dedicados a General Osório (1894), a Duque de Caxias (1899) e a José de Alencar (1897), além do grupo escultórico Descobrimento do Brasil (1900). O artista executou, ainda, as estátuas que representam a poesia, a música, a dança, o canto, a comédia e a tragédia, que ornamentam a fachada do prédio do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1905), o Monumento a Carlos Gomes (1905), em Campinas (SP), e a estátua de Dom Pedro I (1921), para o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, em São Paulo.

Newton Cavalcanti

(Newton de Andrade Cavalcanti)

Foi militar, nascido no estado de Alagoas, em 1885. Alistou-se no Exército em 1902, no 20º Batalhão de Infantaria, sediado em Maceió (AL), e depois de sete anos já era aspirante pela Escola de Guerra de Porto Alegre (RS). Entre os anos 1909 e 1910, esteve à disposição da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, cujo engenheiro-chefe era o então tenente-coronel Cândido Mariano Rondon.

Em 1930, Newton Cavalcanti chefiou um destacamento que lutou ao lado das tropas revolucionárias, respondendo pelo subcomando do 5º RI, em favor da Aliança Liberal, que havia tomado o poder no Rio Grande do Sul, logo após Getúlio Vargas ter sido derrotado nas urnas por Júlio Prestes. Vitoriosa a Revolução, Newton Cavalcanti foi promovido a tenente-coronel no ano seguinte.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Newton Cavalcanti participou ao lado do Governo como comandante do destacamento batizado com seu nome, na 1ª Região Militar. Na sequência, foi nomeado comandante da 9ª Região Militar, com sede em Campo Grande, no então Mato Grosso uno. Foi nessa época que Cavalcanti construiu o legado que deixaria à cidade de Campo Grande, tais como, a construção da Avenida Duque de Caxias, que ligava a região dos quartéis até a antiga Cabeça de Boi, e o Obelisco, monumento em homenagem ao fundador da cidade, inaugurado em 1933.

Em 1935, foi interventor no estado de Mato Grosso uno. No mesmo ano, também foi interventor no estado do Rio de Janeiro. No ano subsequente, ocupou a chefia da Casa Militar da Presidência da República, ocasião em que integrou a então recém-criada Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo.

Implantado o Estado Novo, o Congresso foi fechado e uma nova Constituição foi outorgada em 1937. O ministro da justiça, Francisco Campos, elaborou um decreto que suprimia os partidos políticos, fazendo com que Newton Cavalcanti entrasse em choque com Francisco Campos e enviasse uma carta ao ministro da guerra, na qual solicitava sua demissão do comando da Vila Militar.

Um mês depois de consumado o golpe, Vargas exonerou o General Cavalcanti do Comando da Vila Militar. Newton Cavalcanti fez um veemente protesto público, sendo, por essa razão, punido disciplinarmente. Após o ocorrido, o ex-comandante ficou sem função, adido ao Departamento de Pessoal do Exército. Cavalcanti só veio a ser promovido a general de exército em setembro de 1946, passando para a reserva em 1951. Faleceu em 25 de novembro de 1965.

Luiz Ferrer

(Luiz Ferrer de Moraes)

Luiz Ferrer de Moraes nasceu em 1906, na cidade de Vitória de Santo Antão (PE). Revelou habilidades artísticas desde muito cedo e acabou se dedicando à escultura. Com dezesseis anos, recebeu uma bolsa do Liceu de Artes para estudar no Recife, impressionando o meio artístico com a qualidade de suas obras. Conseguiu outra bolsa de estudos, dessa vez para estudar artes no Rio de Janeiro, para onde se mudou. Entretanto, sua primeira *vernissage* se deu em Brasília em 1932, aos 26 anos de idade. Seus trabalhos tornaram-se conhecidos e admirados.

Em 1941, obteve a Medalha de Ouro no Salão da Escola Nacional de Belas Artes - 47ª Exposição de Artes Plásticas. Produziu muitas esculturas em bronze, que podem ser visitadas em diversas localidades brasileiras: João Pessoa (Monteiro, PB), Getúlio Vargas (Mausoléu GV em São Borja, RS), Ana Nery (Praça da Cruz Vermelha, RJ), José Procópio Teixeira (Juiz de Fora, MG) e os bustos dos presidentes Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek, expostos no Museu da República (Palácio do Catete, RJ).

Luiz Ferrer faleceu em 1959, aos 53 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, no auge da sua carreira artística.

Caetano Fraccaroli

Foi escultor e conceituado professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Nascido em Verona (Itália), em 1911, aprimorou sua arte na Escola de Belas Artes de Verona e no ateliê do mestre Tulio Montini, com quem adquiriu os conhecimentos clássicos que estruturaram inicialmente seu trabalho. Em 1929, aos 18 anos, chegou ao Brasil, à cidade de Santos (SP).

As primeiras obras atribuídas a Fraccaroli datam de 1930. Entretanto, as obras de porte concebidas por ele são observadas a partir de 1932. Apesar do grande talento e de sua qualidade artística, Fraccaroli não se inseriu no mercado de arte corrente, privilegiando o trabalho na academia e conjugando a atividade de escultor com a de professor. Sua produção escultórica se mostrou mais abundante entre as décadas de 1940 a 1960, período em que foi influenciado pelas teorias do neoplasticismo de Mondrian e da psicologia da forma, desenvolvida a partir da Escola de Psicologia Gestalt. Tais princípios reestruturaram o seu trabalho, tanto como escultor quanto como professor.

Em 1942, Fraccaroli venceu o concurso na Superintendência do Ensino Profissional, ocupando o cargo de professor de Plástica. No mesmo ano, passou a integrar o corpo docente da Escola Industrial Joaquim Ferreira do Amaral, em Jaú (SP); no ano seguinte, da Escola Técnica Getúlio Vargas, em São Paulo (SP); em 1944, da Escola Politécnica. Por fim, passou a exercer sua docência na disciplina de Plástica na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, por meio de concurso, instituição que dedicou sua vida.

Em 1968, o artista desenvolveu, talvez, o que tenha se tornado seu trabalho mais conhecido, o símbolo do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura.¹⁸ Para simbolizar o Conselho, escolheu para ícone a cabeça de Minerva, a deusa romana das artes, do comércio e da sabedoria. O trabalho foi inicialmente desenvolvido por meio de um desenho que deu origem a um relevo em gesso. Dois anos mais tarde, trabalhando com alumínio fundido, Fraccaroli converteu a obra em uma escultura tridimensional.

Caetano Fraccaroli faleceu em 25 de novembro de 1987, na cidade de São Paulo. Até os dias atuais, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo mantém um ateliê que leva seu nome e abriga esculturas, modelos e ferramentas que constituem a memória do seu trabalho artístico.

¹⁸ Desde o ano de 2010, a profissão de arquiteto e urbanista não é mais regida pelo Sistema Confea, desligou-se do Crea e passou a compor o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU).

Índio

(José Carlos Silva)

Foi artista plástico e escultor. Filho de pai marinho e mãe indígena, da etnia Pareci, José Carlos da Silva nasceu em 4 de novembro de 1948, em Corumbá, no então Mato Grosso do Sul. Quando recém-nascido, foi deixado aos cuidados da avó paterna. Talvez, por essa razão, temas como amor e família sejam tão recorrentes em seu trabalho.

Ainda jovem, aprendeu e exerceu o ofício de marceneiro na cidade de Aquidauana (MS). Vitimado pela hanseníase, ficou internado por um tempo no Hospital São Julião em Campo Grande (MS). Em 1975, com sua saúde restabelecida, voltou para a Aquidauana e gradativamente foi substituindo os trabalhos que produzia em madeira por obras de arte esculpidas em pedra. Dessa forma, nascia o Índio escultor. Seu progresso foi tão rápido que em 1977 já havia sido escalado para compor o grupo de esculturas, no restauro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Ao retornar do Rio de Janeiro, fixou-se em Campo Grande, já decidido que a arte de esculpir em pedra seria sua vida. Muitos são os depoimentos que o definem como um artista generoso, que compartilhava seus conhecimentos com quem se interessasse. Acreditava que o mundo precisava de mais artistas e que a arte possuía poder transformador na vida de jovens carentes. Por essa razão, nutria o desejo de ensinar seu ofício a esses jovens em centros comunitários, desejo que não chegou a concretizar.

Na década de 1980, Índio passou a ser representado pela Galeria Mara Dolzan, que comercializava seu trabalho. Foi uma época de produção intensa e seus trabalhos foram colocados em diversas partes do país e até mesmo comercializados no exterior.

Em 1991, o artista pôs em prática a realização de seu grande sonho: visitar o Templo Expiatório da Sagrada Família, concebido por Antoni Gaudí, em Barcelona (Espanha). A visita durou duas semanas, tempo suficiente para que ele voltasse com uma sólida proposta de trabalho, com uma importante *marchand* da cidade. Voltou a Campo Grande cheio de planos, inclusive com o desejo de retornar a Barcelona com sua família. No entanto, faleceu vítima de um acidente de trânsito em 3 de novembro de 1991, aos 43 anos de idade, interrompendo a projeção de uma promissora carreira.

Shoji Oikawa

Nasceu no Japão, na Província de Iwate Ken, na cidade de Esashi, em 16 de julho de 1901. No Japão, exercia a profissão de carpinteiro, até chegar ao Porto de Santos (SP), no navio Santos Maru, em 22 de março de 1933. Mudou-se para Campo Grande em 1953, estabelecendo-se na Colônia Bandeira, onde construiu uma granja para comercialização de ovos na cidade. Faleceu em Campo Grande, em 20 de setembro de 1995.

Além de trabalhar com os serviços da carpintaria de madeiras, Oikawa possuía talento como escultor. Nada se sabe das suas obras no interior de São Paulo, mas em Campo Grande deixou suas marcas. Fez uma réplica do pioneiro navio Kasato Maru (que trouxe os primeiros imigrantes nipônicos para o Brasil, em 18 de junho de 1908), em cima de um caminhão. Apresentado no desfile de aniversário de Campo Grande, em 29 de agosto de 1958.

No campo da Associação Esportiva Cultural Nipo-Brasileira de Campo Grande (AECNB), na saída para Três Lagoas (MS), deixou dois registros: o portal japonês (Torii), na entrada do clube, dando boas-vindas aos visitantes, e um Memorial, esculpido em uma pedra de granito preto (Ireihi), similar ao instalado na Praça do Rádio.

Pelos serviços prestados à comunidade japonesa no Brasil, recebeu uma medalha do Governo japonês em 11 de março de 1959.

Presume-se que foi o autor do monumento retirado/demolido da Colônia Bandeira, feito para homenagear os proprietários das terras (a Família Baís), onde funcionou uma grande comunidade de imigrantes que trabalhavam com produtos hortifrutigranjeiros no local.

Era o único colono do Bandeira que, além de carpinteiro, era um talentoso escultor.

Yutaka Toyota

Pintor, escultor, desenhista, gravador e cenógrafo. Yutaka Toyota nasceu em Tendo, na província de Yamagata, norte do Japão, em 1931. Em 1954, graduou-se na Universidade de Arte de Tóquio. Imigra em 1958 para o Brasil, após trabalhar no Instituto de Pesquisas Industriais de Shizuoka. As primeiras pinturas abstratas, no início da década de 1960, no Brasil, já possuíam conceitos cosmológicos, ponto central dos seus trabalhos até hoje. Na Argentina, conheceu a teoria espacial de Lucio Fontana. Após receber o prêmio do I Salão Esso de Artistas Jovens, “II Prêmio” (de pintura), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1965, resolve ir à Itália. Aproxima-se da vanguarda europeia e seu trabalho bidimensional torna-se tridimensional.

Em 1967, o I Prêmio do VII Premio Piazzeta é um importante marco para uma série de exposições, como a individual da Galeria Sincron, em Brescia, duto de importantes artistas. Morando por quase cinco anos na Itália, retorna ao Brasil após ser convidado a participar em 1969 da X Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Participa de diversos salões de arte moderna e ganha outros importantes prêmios. Fixa seu ateliê em São Paulo. Naturaliza-se brasileiro em 11 de janeiro de 1971. Recebe inúmeros convites de festivais e bienais de relevância internacional. Em 1978, é convidado a criar um importante monumento público para a primeira-dama da canção popular japonesa, Chiako Sato, também nascida em Tendo, sua cidade natal. Após essa data, fez inúmeras coletivas com artistas nacionais e internacionais importantes, produzindo obras com movimentação cinética e forte influência da Op Arte europeia, como seus contemporâneos latino-americanos Jesus Soto, Edgar Negret, Cruz Diez e Julio Le Parc.

O artista criou mais de 100 obras públicas e privadas. Só no Japão, foram por volta de 45 monumentos e obras públicas, do norte, na ilha de Hokkaido, ao sul, em Shikoku. Em 1995, na cidade de Yokohama, cria e executa um monumento bilateral, comemorando o centenário da amizade, navegação e comércio entre o Brasil e o Japão. Parte dessa obra conceitual, denominada Espaço Arco Íris, de aço polido e aço pintado em dourado, medindo 10,00 x 4,60 x 1,30 metros, está localizada no Parque Minato Mirai. A outra parte está no Brasil, em São Paulo, unindo os dois continentes e seus povos, uma gigantesca ponte criando intenso intercâmbio cultural, político e econômico entre as nações. Durante o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, em 2008, criou 14 monumentos comemorativos nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

De 2009 a 2010, fez importantes retrospectivas e exposições comemorativas dos seus 50 anos de arte. Cria e executa o monumento Espaço Cósmico-Portal do Sol, um painel escultórico de 23 metros de comprimento por 16 metros de altura, em aço inox e pintura. Foi inaugurado em 2010, em comemoração aos 50 anos da Associação Brasil Sokka Gakai Internacional, em São Paulo.

Foram publicados dois importantes livros sobre o artista: *Toyota 50 anos de arte*, da escritora Sonia Prieto (2009), e *A leveza da matéria*, de Jacob Klintowitz (2011). Em 2013, participa do documentário *West Encounters East*, da historiadora de arte e consultora de arte, Stella Homes, com transmissão em mais de 280 canais pelos EUA, falando um pouco da sua trajetória, da sua obra e concepção como artista plástico. Em 2016, monta um novo estúdio em São Paulo para criação e produção de obras monumentais de alto padrão.

Yutaka Toyota está em contínua criação, executando uma infinidade de projetos e obras autorais, a partir de seu ateliê em São Paulo. As obras de Toyota em Campo Grande são registros da imigração japonesa, revelando o compromisso da etnia com a preservação de sua identidade cultural, aliando tradição e modernidade.

Roberto Montezuma

(Roberto Montezuma Carneiro da Cunha)

Arquiteto e urbanista, formado pela Universidade de Pernambuco, Roberto Montezuma tem um vasto currículo como professor, pesquisador e autor de diversos livros. É consultor nas áreas de interesse em arquitetura, urbanismo e paisagem integrados na construção de projeto de cidade.

Defende a tese de que é na cidade que ocorre a síntese da profissão com a integração do urbanismo, da arquitetura e dos seus interiores. Assim, uma cidade se constrói tanto da porta para fora quanto da porta para dentro. Atualmente, é palestrante e conferencista em eventos nacionais e internacionais e articulador do *World Urban Campaign* (ONU/HABITAT).

Em Campo Grande, é autor da sede da TV Educativa, fundada em 1984. A obra aproveitou a estrutura de um ginásio de esportes, misturando diversos materiais, dando um ar contemporâneo à sua obra, que virou um cartão postal da cidade. A obra tem como destaque uma torre com 116 metros de altura, considerada a mais alta torre de alvenaria da América Latina.

Sandro Luiz Ferreira da Silva

É artista plástico e escultor, nascido em Aquidauana, em 10 de maio de 1972. É filho de pai escultor, José Carlos da Silva (o Índio), de quem herdou o talento para as artes. Aos 8 anos de idade, esculpiu sua primeira peça, tendo como mestre seu pai. Desde então, passou a auxiliá-lo em pequenos serviços.

Aos 17 anos, foi surpreendido pela perda inesperada de seu mestre, como ele o chama até hoje. Sob os conselhos de sua mãe, Maria Ferreira, Sandro Luiz decide levar adiante o legado de seu pai, passando a esculpir peças exclusivas e com estilo próprio. Dessa forma, nascia o Sandro Índio. Nos anos 1990, foi seu ápice, produziu várias peças, participou de eventos e exposições organizados pela Galeria Mara Dolzan, que comercializava seu trabalho. Foi uma época de produção intensa, seus trabalhos foram colocados em diversas partes da cidade.

Em 2004, seguindo os passos de seu pai, o artista tentou uma oportunidade na Europa. Porém, chegando ao país, percebeu a dificuldade de viver de sua arte, passando a viver de trabalhos totalmente distantes da sua arte e de seus sonhos. Viveu na Espanha por sete anos. Nesse período, visitou museus, exposições e se aprimorou nos desenhos de anatomia.

Em 2012, de volta ao Brasil, enriquecido de ideias pelas vivências do país europeu, passou novamente a produzir pequenas peças para sua própria apreciação e coleção. O artista nunca desistiu do seu sonho e jamais abandonou seu talento, sempre buscando nas memórias de seu pai motivos para continuar, pois seu pai sempre dizia: "Meu filho, você vai superar o seu mestre na arte de esculpir e te deixarei de herança as pedras".¹⁹

Suas peças estão espalhadas pela capital, algumas como peça de exposição ao público, outras tantas em prédios particulares.

¹⁹ Conforme relato oral do artista Sandro.

Neide Ono

(Neide Satsiko Ono)

É artista visual, escultora e ceramista, nascida em 15 de maio de 1949, em Campo Grande (MS), de descendência okinawana. Morou durante toda sua infância nas confluências da Rua 14 de Julho com a Rua 7 de Setembro, e de lá saiu decidida a cursar Arquitetura e Urbanismo em São Paulo. Entretanto, ao cursar o pré-vestibular, um de seus professores, reconhecendo em seus trabalhos um talento diferenciado, convenceu que deveria cursar Artes. E assim aconteceu, graduou-se em Artes Plásticas na Fundação Álvaro Penteado (FAAP). Em busca de conhecimento, foi aprender técnicas de cerâmica com um escultor de cerâmica budista, na Liberdade. Cursou fotografia com Derli Barroso, dentre outras oportunidades que lhe surgiram.

Ao retornar a Campo Grande, foi trabalhar no comércio da família. Passado algum tempo, suas artes experimentais passaram a se tornar conhecidas, compor mostras coletivas, receber premiações em salões de artes e menções honrosas em diversas partes do Brasil. Na década de 1990, empreendeu, em sociedade com sua prima Marisa Tibana, uma Galeria de artes, a O&T Design, em que grandes nomes das artes plásticas regionais da época expuseram seus trabalhos. Neide não dicotomiza o ser humano que é, entendendo que a artista, a mulher, a mãe e a avó são extensões umas das outras e não faces distintas de sua existência.

Em sua arte, Neide Ono desenvolveu um riquíssimo repertório técnico e domínio de diversos materiais. Nunca se absteve de experimentar. Trabalhou peças em vidro, bijuterias, utilitários, resinas, cerâmicas, porcelanas, fundição de metais, por acreditar que experiências agregam. E, pensando assim, busca constantemente o conhecimento técnico, onde quer que ele esteja. Certa vez, buscando obter uma determinada técnica para trabalhar a porcelana, matriculou-se em um curso desenvolvido para dentistas e protéticos, em que era a única artista plástica da sala. Dessa forma, Neide Ono vai modelando em si uma artista em constante expansão.

Humberto Espíndola

(Humberto Augusto Miranda Espíndola)

A Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, dividiu o estado de Mato Grosso, criando o Mato Grosso do Sul. Sensível a esse contexto, o artista visual Humberto Espíndola sintetizou, plasticamente, por meio de suas obras, momentos históricos emblemáticos desse estado que escolheu para viver.

Utilizando o boi como metáfora, foi o primeiro artista do Centro-Oeste a se projetar internacionalmente, descentralizando a arte do país. Por meio da bovinocultura, tendo o boi como protagonista da história, o artista estabeleceu sua marca, seu signo. Outra característica marcante de suas obras, entre a empatia pela história e a força da imagem, são as cores que envolvem o observador, traduzidas em uma série de oito obras sobre a divisão do estado.

Cleir

(Cleir Avila Ferreira Junior)

Cleir Ávila Ferreira Júnior nasceu em 8 de dezembro de 1963. Natural de Campo Grande (MS), autodidata, pinta profissionalmente desde os 18 anos. Iniciou com influência hiper-realista, retratando em suas obras temas regionais e ecológicos, principalmente a fauna pantaneira.

Em 1994, quando foi convidado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) para pintar grandes painéis nas laterais de prédios da capital, o artista fez o primeiro trabalho desse tipo, a onça pintada, em 1994, e a primeira escultura em espaço aberto, na Praça das Araras, em Campo Grande, em 1996.

Esse trabalho traz uma característica peculiar, por tratar-se de um monumento que interage com a vida da cidade, é palco de campanhas de doação de sangue do Hemosul. O artista pinta com a cor branca as esculturas e, conforme acontecem as doações de sangue, vai colorindo de vermelho as araras.

A onça, infelizmente, foi apagada. No entanto, as araras são importantes cartões-postais da nossa capital.

Muito solicitado pelos seus trabalhos, o artista é autor ainda de painéis em Três Lagoas (MS), Dourados (MS), Corumbá (MS) e em Ponta Porã (MS), sendo este último uma homenagem aos trabalhadores da erva-mate.

Uma das características do artista é a pintura dos seus painéis com a assistência de público, como as pinturas em Bonito (MS) e no Salão de Turismo em São Paulo e na França. Cada instalação é um processo de diálogo com a população que aprecia o desenvolvimento da obra. Cleir tem obras espalhadas por muitas cidades sul-mato-grossenses e paranaenses, além de ter suas obras também no exterior. É aclamado por suas pinturas de grandes proporções e esculturas de aves e animais da fauna brasileira.

Flávio Araújo Braga

Flávio Araújo Braga nasceu em Campo Grande (MS), em 12 de janeiro de 1974. É arquiteto e urbanista graduado pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), em 1999. Tem experiência na área de arquitetura, com ênfase em projeto e execução. É mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Prestou serviços de arquitetura e urbanismo para diversos órgãos públicos, tais como: Tribunal Regional Eleitoral (TRE), Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Controladoria Geral da União (CGU) e Exército Brasileiro. Atuou também como prestador de serviços de arquitetura em empreendimentos privados, dentre os quais projetou o Edifício Vertigo, que até os dias de hoje se consolida como o edifício mais alto do estado de Mato Grosso do Sul. Foi sócio proprietário da empresa de arquitetura Braga & Shiota Arquitetura e Design LTDA. Atualmente, atua na Braga Arquitetura.

Maria de Oliveira

(Maria de Oliveira Naves)

Nascida em São Paulo, em 1853, formou-se em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Vive desde 2016 em Portugal, onde atua como artista, principalmente nas áreas de design, cerâmica e ensino de artes. Antes disso, atuou como profissional da gastronomia por vinte e cinco anos, com ênfase em confeitaria artística, ministrando cursos nessa área e apresentando-se em vários programas televisivos e em jornais. Em seguida, optou pela área das artes visuais, produzindo monumentos, cerâmicas, pinturas, gravuras, aquarelas, desenhos e pesquisas, tal como a busca iconográfica através de oficinas de cerâmica e narrativa histórica da comunidade São Benedito, onde desenvolveu o Busto de Eva Maria de Jesus. Participou de exposições artísticas no Brasil e na Europa. Além disso, ministra aulas, *workshops* em instituições educacionais, entidades culturais e artísticas, ateliês, fundações e comunidades.

Pedro Guilherme

(Pedro Guilherme Garcia Góes)

Pedro Guilherme Góes nasceu em Coxim (MS), em 1967. Mudou-se para Campo Grande (MS) ainda criança, em 1971, lugar que permanece até os dias atuais. Artista autodidata começou a pintar aos 18 anos, e com 20 fez sua primeira exposição no Salão de Arte, em Santos (SP). Suas obras revelam suas memórias, guardadas nas vivências da infância em família, recordações das viagens à beira do Rio Taquari, o mundo subaquático.

O signo de sua obra, característica que revela o seu nome, está marcado na figura do peixe, de traço marcante, forte e delineado. Os peixes que lhe trouxeram prosperidade estão espalhados em forma de pintura. O artista também projetou formas gigantescas do peixe sul-mato-grossense.

Anor Mendes

(Anor Pereira Mendes Filho)

Anor Pereira Mendes Filho, a exemplo das suas obras, reinventou-se. Depois de uma carreira de três décadas como serígrafo, tornou-se escultor ou artesão, como gosta de ser chamado.

Nascido em 1952, em Terenos (MS), foi criado em Aquidauana (MS) e Anastácio (MS). Estabeleceu-se em Campo Grande (MS), onde vive há mais de três décadas. Autodidata, tem seu trabalho exposto em Bela Vista (MS), São Gabriel do Oeste (MS), Corguinho (MS) e várias obras distribuídas em Campo Grande (MS).

Para sua descoberta como escultor, o artista diz: “Devo ter aprendido em outras vidas. Descobri que tinha jeito e fui”.²⁰ Amigo pessoal de outro escultor de renome, o Índio, que conheceu na cidade de Aquidauana (MS), Anor busca em outros autores a colaboração para suas obras, como Paulo Prado e Indiana Marques, que fazem a composição facial das suas esculturas.

Meticuloso na pesquisa, antes de começar um trabalho, procura ler sobre o tema, fazendo uma pesquisa minuciosa, para então materializar a obra. Leitor ativo, escreveu o livro *Meu velho pai pescador*, fazendo reminiscências de um dia na sua juventude, junto ao pai, no Rio Aquidauana.

²⁰ Segundo relato do artista.

Levi

(Levi Batista do Nascimento)

Nasceu na cidade de Fátima do Sul (MS), em 17 de julho de 1961. Viveu em Culturama (MS) até 1971, mudando-se para Campo Grande (MS) no mesmo ano, com o pai. Não tem formação acadêmica e aprendeu tudo sozinho. Viajou a serviço para São Paulo, mas sempre trabalhou em Campo Grande como artista, na sua própria casa. Fez muitos trabalhos como pintor, serigrafista e letrista. Aos 44 anos, focou em fazer suas artes plásticas de concreto armado. A fachada de sua casa possui a calçada repleta de animais do cerrado. Em uma reportagem, Levi explicou que foi criado na roça e, por isso, gostava de reproduzir os bichos com quem cresceu: “Eu sou autodidata, nunca frequentei a escola e a arte foi algo que descobri. Minha mãe era lavadeira de roupa, íamos para a beira do corgo e tinha muita argila. Eu fazia cavalinho, bolinha de gude, pegava a bucha verde, fazia o rabinho, as pernas”, relatou na época.²¹ O artista faleceu no dia 3 de julho de 2022, aos 60 anos.

²¹ Relato do artista em entrevista concedida ao Campo Grande News. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/pai-da-praca-pantaneira-artista-plastico-morre-aos-60-anos-na-capital>. Acesso em: 04 de julho de 2022.

Eloisa Vicari Scheid

Eloisa Vicari Scheid é arquiteta e urbanista formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1984. É natural de Erechim (RS). Atua em projetos de arquitetura para edificações e projetos urbanísticos e de paisagismo em todo o território nacional.

Indiana Marques

Indiana Marques nasceu em Ponta Porã (MS) e reside em Campo Grande (MS) desde a juventude, onde se casou e teve duas filhas. É artista popular e trabalha com cerâmica há mais de vinte e cinco anos, tendo seu trabalho premiado em concursos, como o Prêmio Nacional de Artesanato Top 100 – Sebrae, em duas edições.

Viveu toda sua infância na fazenda do pai, quando desenvolveu um olhar afetuoso e curioso para a natureza e para a vida das pessoas, sobretudo os indígenas e os paraguaios, com quem dividia brincadeiras e vivências cotidianas.

Formada em Belas Artes, estudiosa das artes e das letras, sua mãe incentivou, através do seu exemplo, todos os filhos a se arriscarem no universo das criações artísticas, motivo pelo qual várias de suas irmãs optaram pela profissionalização nesse ramo.

Desenvolve, através da plasticidade da argila, esculturas de temas variados, sempre retratando a figura humana, seus costumes e história, destacando-se na produção referente à cultura indígena e negra de Mato Grosso do Sul.

Sua boneca, Bugra, é uma homenagem às mulheres indígenas com quem conviveu e aprendeu a admirar desde a infância. A ideia para a criação dessa boneca nasceu entre as várias visitas que as indígenas da etnia Terena faziam ao seu ateliê, comercializando legumes e frutas, tendo um lugar para descansar, comer, beber e, certamente, conversar.

Com tantas histórias ouvidas, um personagem foi se materializando, depois de várias tentativas para o design da peça, como a busca pela simplicidade do traço, pesquisas de iconografias, pinturas corporais, hábitos e tudo o que acrescentaria vida à escultura. Assim, ela foi se transformando ao longo do tempo em uma mulher forte, sem perder a essência inicial, presente desde a primeira boneca. A artista trabalhou com crianças, mulheres, gestantes ou sozinhas, sempre com um semblante alegre, de quem vive inúmeros desafios modernos, sem perder a coragem nem a leveza. A boneca de cerâmica representou (e ainda representa) a cultura do estado de Mato Grosso do Sul no Brasil e no exterior (em feiras, exposições e em museus de arte popular).

Devido às inúmeras viagens e participação em feiras e rodadas de negócio, Indiana Marques possui experiência com o mercado contemporâneo do artesanato brasileiro e com o empreendedorismo. Atuou em várias entidades representativas de criação de artesanato e arte popular, auxiliando em várias conquistas coletivas que favoreceram ao fortalecimento dessa classe.

Paulo Rubens Parlagreco

Nasceu em São Paulo (SP), em 1944, onde viveu até 1989, quando transferiu residência para Campo Grande (MS). Vem de uma família de artistas, sendo filho do desenhista e arquiteto Rubens Parlagreco, sobrinho do pintor e escultor Francisco Parlagreco, sobrinho-neto de Beneamino e do poeta Carlo Parlagreco. O avô materno também foi renomado poeta, Manoel Rodrigues da Cunha. Cercado de arte e artistas, Paulo Rubens teve sua infância povoada de formas e cores. Aptidão que aprimorou na Escola Paulista de Belas Artes.

Teve, ao longo de sua carreira, atividades sempre correlatas ao desenho, como pintura, escultura, ilustração e magistério. Teve grandes mestres que o influenciaram e aperfeiçoaram seu talento.

Paulo Rubens Parlagreco é um artista figurativo. Ao longo de sua carreira, fez diversas exposições individuais e participou de inúmeras mostras coletivas, ganhando vários prêmios. Também participou de exposições nos Estados Unidos e na China.

Segundo informações do seu site pessoal, o artista tem se dedicado a uma produção voltada à escultura, relacionando questões históricas e sociais da cultura brasileira.

Ique

(Victor Henrique Woischach)

Natural de Campo Grande (MS), nasceu em 1962. Ique é cartunista, escultor, ilustrador, jornalista, chargista, caricaturista, autor, roteirista, produtor e diretor. É detentor de dois prêmios Esso de Jornalismo, por suas charges no Jornal do Brasil, e é autor de dois livros.

Como escultor, tem trabalhos consagrados no Rio de Janeiro: O Corneteiro de Pirajá (Ipanema), João Saldanha (Maracanã), O Coimbra (Bolsa de Artes do Rio de Janeiro), Michael Jackson (comunidade de Santa Marta), Chacrinha (Jardim Botânico). Tem ainda a escultura de Martinho da Vila, na cidade natal do compositor e cantor, Duas Barras (RJ). Pelé, Pixinguinha e Renato Russo também foram homenageados com suas esculturas.

Como cartunista, colaborou nas revistas Veja, Playboy, Vejinha, Mad, Fatos, Courier Internacional e Revista da Semana.

Rodrigo Gameiro

Rodrigo Gameiro nasceu em Adamantina, cidade do interior do estado de São Paulo, em 13 de agosto de 1980. Mudou-se para Campo Grande aos 16 anos, com a mãe Ione do Amaral, artista visual formada pelo Centro Universitário Armando Álvares Penteado (FAAP), e seu pai João Carlos, engenheiro civil. Logo, encontrou, na arquitetura, o equilíbrio de sua paixão entre as artes e a engenharia.

Formou-se arquiteto e urbanista em 2005, na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), instituição em que também se especializou em Gerenciamento de Obras. Casou-se com Ana Luiza Vendramini, e tempos depois chegou Zeca, o filho do casal.

Profissionalmente, exerce sua profissão de arquiteto e urbanista, atuando no ramo da construção civil e elaborando diversos projetos de construção modular com a utilização de containers.

Caju

(Cesar da Silva Fernandes)

Cesar da Silva Fernandes, conhecido popularmente como Caju, nasceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 20 de maio de 1957. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mudou-se para Campo Grande (MS), em 1 de maio em 1981. A participação do arquiteto é feita através da empresa Conceitos Inteligentes em Arquitetura - CIA.

Caju é um dos responsáveis pela remodelação da Rua 14 de Julho, ou “shopping a céu aberto”, como gosta de referir-se à importante via da capital, dentro do Projeto Reviva. Também, está presente em obras de remodelação em sítios paisagísticos, como o Parque das Nações Indígenas, Belmar Fidalgo, entre outras.

POSFÁCIO

Ao finalizarmos a jornada de contemplação pelos marcos e monumentos presentes em Campo Grande, ressaltamos a relevância de tal levantamento, demonstrando a diversidade cultural campo-grandense, bem como reconhecendo a importância de personagens políticos, sociais e culturais para a sociedade nos locais em que estão eternizados. Isso, também, faz-nos refletir sobre períodos históricos em que determinados marcos e monumentos são constituídos, rememorando fatos históricos, datas comemorativas, alusões ou homenagens prestadas a personagens em pedra, cimento, mármore, resina, ferro ou bronze, entre outros.

Outras reflexões nos levam, também, a refletir acerca do sentimento de pertença que liga a sociedade ao marco ou ao monumento erigido. Assim, pensamos no período em que determinados locais foram escolhidos, bem como no período posterior, no estabelecimento definitivo desse novo “vizinho” e em como os moradores observam, cuidam e contemplam o monumento.

Com o passar do tempo, observamos que tais bens necessitam de periódica preservação e manutenção, no que diz respeito à ação das intempéries, aos reparos preventivos ou mesmo às ações de depredação a que estão propensos, por ficarem em locais abertos, sujeitos a calor, chuva, frio, luminosidade – com o desbotamento de cores, oxidação de metais ou surgimento de musgos. Quanto ao vandalismo ou furto – tristes ações, que, além de crimes contra o patrimônio da sociedade, fazem com que, em algumas situações, a peça monumental seja permanentemente danificada ou, nos casos de furto, desapareça, ficando apenas na memória de quem um dia a viu, privando-a de contemplação pelas gerações vindouras.

Cabe, assim, uma reflexão acerca da visão de salvaguarda dos monumentos e de sua representatividade, tanto pelo poder público quanto pela sociedade, que tem, nas praças, rotatórias ou nos canteiros públicos, um espaço monumental que reflete a história e a memória do/da campo-grandense.

Para que a salvaguarda ocorra de modo satisfatório, ações de educação patrimonial têm fundamental relevância, aproximando setor público e sociedade civil, para que ambos trabalhem juntos na preservação desses espaços. Este material, em sua terceira edição, revisada e ampliada, certamente será uma importante ferramenta para tal fim, bem como para subsidiar futuras pesquisas que abordem a temática.

Prof. Me. Douglas Alves da Silva
Prof.^a Ma. Sarita Souza dos Santos
Arquivo Público Estadual de MS

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Maria Augusta de. Cultura, religiosidade e saberes locais. Campo Grande - MS: Life Editora, 2020.

CASTILHO, Maria Augusta de. Cultura, religiosidade e saberes locais, Vol. 2. Campo Grande - MS: Life Editora, 2021.

GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. FEBIANOS - histórias e recomeços. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2015.

MALERONKA, Camila; FRACCAROLI, Caetano. Arte, reflexão e ensino. Pesquisa de iniciação científica. Fauusp-Fapesp, 2000. Disponível em: <<https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2021/02/Caetano-Fraccaroli-Arte-reflexao-e-ensino.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

MARQUES, Rubens Moraes da Costa. Trilogia do patrimônio histórico e cultural sul-mato-grossense, Tomo II. Campo Grande: Fundação de Cultura de MS, 2001.

OLISKOVICZ, Natacha; CASTILHO, Maria Augusta de. Iluminação Urbana - Campo Grande e seus monumentos - vistos de dia e de noite. Campo Grande - MS: Life Editora, 2018.

PELLEGRINI, Fábio; REINO, Daniel (Orgs.). Vozes das Artes Plásticas. Campo Grande - MS: FCMS, 2013.

PRIMO, Cícero Farias; BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. O “complexo cabeça de boi” em Campo Grande - MS: as transformações socioespaciais ao longo do tempo. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/1385/hora>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvío. Praças brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Realização

SECTUR
Secretaria Municipal
de Cultura e Turismo



CAMPO GRANDE
PREFEITURA

Apoio



**FUNDAÇÃO
DE CULTURA**
DE MATO GROSSO DO SUL



União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul



Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso do Sul

Secretaria de Cultura e Turismo de Campo Grande

(67) 4042-1313 | gab.sectur@gmail.com

R. Usi Tomi, 567 - Carandá Bosque

Campo Grande/MS - 79032-425



ISBN: 978-65-00-53817-5

